

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE**

**UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE**

**CURSO DE BACHARELADO EM NUTRIÇÃO**

**MANOEL DELMIRO FERREIRA NETO**

**TRABALHANDO ALIMENTAÇÃO NO ÂMBITO DA SÉTIMA**

**ARTE: O CINEDEBATE COMO FERRAMENTA DE**

**REFLEXÃO**

Cuité/PB

2016

MANOEL DELMIRO FERREIRA NETO

TRABALHANDO ALIMENTAÇÃO NO ÂMBITO DA SÉTIMA ARTE: O CINEDEBATE  
COMO FERRAMENTA DE REFLEXÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Unidade Acadêmica de Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório para obtenção de título de Bacharel em Nutrição, com linha específica em saúde coletiva.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Msc Vanille Valério B. Pessoa Cardoso

Cuité/PB

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE  
Responsabilidade Msc. Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

F383t      Ferreira Neto, Manoel Delmiro.

Trabalhando alimentação no âmbito da sétima arte: o cinedebate como ferramenta de reflexão. / Manoel Delmiro Ferreira Neto. – Cuité: CES, 2016.

62 fl.

Monografia (Curso de Graduação em Nutrição) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2016.

Orientadora: Vanille Valério Barbosa Pessoa Cardoso.

1. Alimentação. 2. Cinema. 3. Metodologia ativa. 4. Reflexão. I. Título.

Biblioteca do CES

CDU 612.3

MANOEL DELMIRO FERREIRA NETO

TRABALHANDO ALIMENTAÇÃO NO ÂMBITO DA SÉTIMA ARTE: O  
CINEDEBATE COMO FERRAMENTA DE REFLEXÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Unidade Acadêmica de Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório para obtenção de título de Bacharel em Nutrição, com linha específica em saúde coletiva.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Msc Vanille Valério B. Pessoa Cardoso

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Msc Vanille Valério Barbosa Pessoa Cardoso

Universidade Federal de Campina Grande

Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Michelle Cristine Medeiros da Silva

Universidade Federal de Campina Grande

Examinadora

---

Yuan Fonsêca Marinho – Historiador

Examinador

CUITÉ/PB

2016

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”.

(Carl Jung)

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo seu imenso amor e pela oportunidade de vida que a mim foi concedida, não me deixando desistir e nem cair quando as situações eram adversas e difíceis de suportar.

Aos meus pais, pelo altruísmo, apoio, incentivo, cuidado e amor. Não só agradeço, como dedico este trabalho a vocês. Minha vida é um reflexo dos seus ensinamentos. Lutas e batalhas foram travadas para que eu chegasse até aqui, e vocês foram a minha espada e meu escudo, sempre me dando apoio e forças para seguir nesta árdua jornada que é a vida.

A minha irmã, que sempre me apoiou e torceu pelo meu sucesso, se alegrando com cada conquista que eu obtive, mas também estando presente e me dando forças quando o momento não me era favorável.

Aos meus familiares paternos e maternos, que sempre me ajudaram com palavras, orações e mantimentos. Em especial as minhas avós e meu avô, as minhas tias Marilena, Marlene, Marinês e Ivete, que participaram desde cedo na minha formação como pessoa.

A minha orientadora Vanille Pessoa, pela paciência, comprometimento e cuidado, se mostrando sempre acessível e disposta a ensinar, compartilhar e construir conhecimentos, se tornando além de uma professora, uma amiga.

Aos integrantes do projeto CineCidadania, pela parceria e ajuda no desenvolvimento desta pesquisa, vocês acompanharam de perto boa parte da construção desse trabalho, sempre me apoiando e me trazendo ideias e ânimo para continuar. Sem vocês não teria conseguido.

Aos meus amigos pelo companheirismo, apoio, boas risadas, choros, noites mal dormidas, enfim, por todos os momentos vividos. Em especial aos meus amigos e colegas de turma Tamyres, Jackson e Daysio, que se tornaram meus pontos de apoio muitas vezes, a quem eu sempre recorria em momentos de dúvida.

Aos participantes da banca, que aceitaram o convite de trazer suas valiosas contribuições a este trabalho, enriquecendo-o com seus olhares atentos e diferenciados dentro de suas áreas.

Aos participantes da pesquisa, que se dispuseram a sair de seus lares para assistir a um filme, compartilhando vivências e reflexões, extremamente construtivas para todos que estavam presentes.

À Universidade Federal de Campina Grande, pela oportunidade de formação profissional e por ceder o espaço e materiais necessários para a execução da pesquisa.

FERREIRA NETO, M. D. **Trabalhando alimentação no âmbito da sétima arte: o Cinedebate como ferramenta de reflexão.** 2016. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nutrição) – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2016.

## RESUMO

Tendo em vista o cenário alimentar contemporâneo, têm-se como um dos grandes desafios para o nutricionista a criação de metodologias que sejam capazes de proporcionar melhorias quanto ao hábito alimentar das pessoas e, conseqüentemente, sua qualidade de vida. Neste âmbito, as metodologias mais tradicionais ainda predominam, com características de repasse de conhecimento, e de forma excessivamente fragmentada, não estimulam o pensamento reflexivo e crítico dos participantes. O hábito de assistir filmes traz consigo várias características que são atraentes ao público, entre elas, o despertar do imaginário, dos sonhos e da fantasia, que instigam os pensamentos nos deixando atentos e interessados. Aproveitando esta enorme potencialidade do cinema, unida a uma grande variedade de filmes e documentários com temáticas diretas e indiretas ligadas a nutrição e alimentação, por que não a utilizar para discutir questões ligadas a tudo que envolve o ato de comer? Deste modo, o presente trabalho objetivou apreender a percepção de indivíduos sobre questões relacionadas à alimentação a partir da exibição de filmes. Trata-se de uma pesquisa do tipo transversal, de caráter descritivo, com coleta de dados no campo e de abordagem qualitativa. Ressalta-se que a referida pesquisa é fruto de um projeto maior de extensão denominado Cinecidadania e foi desenvolvida durante 3 exibições do mesmo. A coleta de dados executou-se em dois momentos posteriores a exibição dos filmes: no primeiro tempo foram coletados os dados oriundos do debate subsidiado pela projeção dos filmes; a segunda parte consistiu na entrevista, através de um questionário aplicável, com perguntas abertas e fechadas. A análise dos dados se deu de forma descritiva. Os participantes se mostraram interessados e críticos durante as discussões, trazendo em seus discursos aspectos como a racionalização da alimentação, sentidos da comida, prazer na alimentação, entre outras. Dessa forma, a metodologia do Cinedebate se mostrou eficaz no sentido de gerar discussões e reflexões, mostrando a importância da criação e incorporação de metodologias que busquem trabalhar alimentação através de metodologias ativas que despertam o senso crítico e uma noção aprimorada do que é se alimentar com qualidade.

**Palavras – chaves:** Cinema. Alimentação. Metodologia ativa. Reflexão.

FERREIRA NETO, M. D. **Working with nourishment through the seventh art:** *Cinedebate* as a reflection tool. 2016. 56 f. Term paper. (Nutrition major) – Federal University of Campina Grande, Cuité, 2016.

## ABSTRACT

In view of the contemporary nourishment scenery, one of the major challenges for the nutritionist is to create methodologies that are able to provide improvements on people's feeding habits and, consequently, on their life quality. In this context, there is still the predominance of the most traditional methods which have features that transmit knowledge, in a really fragmented way, without encouraging the reflective and critical thinking of the participants. The habit of watching movies brings several features that are attractive to the public, including the awakening of imagery and fantasy, which instigate thinking and, consequently, make us attentive and interested on them. Taking advantage of this huge potential of the cinema, that includes a wide variety of films and documentaries with direct and indirect topics related to nutrition and food, why not using it to discuss issues that are related to everything involving the act of eating? Thus, this study aimed at understanding the perception of individuals on issues related to nourishment from film screenings. In order to accomplish that, a cross-sectional and descriptive research was performed, including field data collection and the use of a qualitative approach. It is noteworthy that such research is the result of a larger project called *Cinecidadania* and it was carried out during three film screenings in it. Data collection was divided into two subsequent moments to the films display: in the first moment the data was collected from the debate performed during the projection of the films; and the second moment consisted of an interview, through an applicable questionnaire with open and closed questions. The data analysis followed a descriptive structure. They seemed interested and critical during the discussions, showing in their speeches some aspects related to food such as its rationalization, its senses, the pleasure felt because of it, among others. Therefore, the methodology of debating (*cinedebate*) used in the aforementioned project proved effective in generating discussion and reflection. As a result, it is possible to see the importance of creating and incorporating methodologies that seek working with nourishment active methodologies that awaken the critical sense and a notion enched make and if with food quality.

**Keywords:** Cinema. Nourishment. Active Methodology. Reflection.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	12
2.1 OBJETIVO GERAL.....	12
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	13
3.1 A EXTENSÃO POPULAR NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.....	13
3.2 O CINEMA COMO FERRAMENTA TRANSFORMADORA.....	16
3.3 A ALIMENTAÇÃO E SUA PARTICIPAÇÃO NA SÉTIMA ARTE.....	18
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	22
4.1 TIPO DE PESQUISA.....	22
4.2 CENÁRIO E CONTEXTO DA PESQUISA.....	22
4.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	22
4.4 SUJEITOS DA PESQUISA.....	23
4.5 COLETA DE DADOS E INSTRUMENTO.....	23
4.6 ANÁLISE DOS DADOS.....	23
4.7 ASPECTOS ÉTICOS.....	23
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	25
5.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	26
5.2 RACIONALIZAÇÃO DA COMIDA E PRIVAÇÃO ALIMENTAR.....	27
5.3 PRAZER NA ALIMENTAÇÃO.....	29
5.4 INTERFERÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA ALIMENTAÇÃO E PADRÕES DE CORPO IDEAL.....	32
5.5 O PROFISSIONAL NUTRICIONISTA.....	40
5.6 CINEDEBATE: PROPICIANDO MOMENTOS DE REFLEXÃO.....	45
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	50
<b>7 REFERÊNCIAS</b> .....	52
<b>APÊNDICES</b> .....	58

## APRESENTAÇÃO

O trabalho a seguir foi idealizado a partir de uma vivência de 3 anos participando de um projeto de extensão do curso de nutrição onde se trabalha, além da alimentação, diversas outras questões no campo da extensão popular, tendo o cinema como sua ferramenta. O referido projeto denomina-se CineCidadania, que além de exibir filmes e promover debates semanalmente, também objetiva a produção de mídias, como vídeos e documentários, que abordam diversas temáticas. Além disso, o projeto também produz edições de um Jornal (exibido num canal do Youtube) que tem por objetivo divulgar todos os projetos de extensão do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande.

Não é comum encontrarmos um curso de nutrição que use a arte como método de reflexão e diálogo sobre a alimentação, nem muito menos a sétima delas, então, diante do tão rico acervo de filmes a nossa disposição, que, em seu enredo, nos dão subsídios para discutir o ato de comer e tudo que há em volta desta atividade diária, por que não usar o cinema enquanto aliado na importante tarefa de fazer com que as pessoas vejam a alimentação de uma forma mais completa e com o grau de complexidade que ela realmente possui?

Este trabalho é fruto da participação intensa, duradoura e cheia de altos e baixos em um projeto de extensão popular, participação esta que é importantíssima e indispensável no currículo e vida de um graduando, que traz contribuições ímpares tanto no âmbito profissional, quanto no pessoal, afinal, antes de sermos profissionais, somos pessoas, e a extensão proporciona isso: trabalhar com pessoas.

Se colocar no lugar do outro é o primeiro passo para um atendimento mais humanizado. A extensão, no ato do seu trabalho em grupo com a comunidade oferece a oportunidade do exercício dessa virtude, que tem se tornado cada vez mais rara entre as profissões ditas como pertencentes a área da saúde. Então, sabendo que o nutricionista trabalhará sempre com pessoas, não importando a área em que esteja inserido, fica notoriamente clara a participação do trabalhar em extensão na formação profissional do mesmo, e isso acarretará, sem dúvidas, em consequências positivas para a realidade do serviço.

# 1 INTRODUÇÃO

A alimentação é uma necessidade fisiológica básica comum a qualquer ser humano, é tida como um direito e está atrelado a tabus culturais, crenças e diferenças no âmbito social, étnico, filosófico, religioso e regional. O ato de se alimentar engloba tanto a satisfação das necessidades nutricionais do organismo quanto uma forma de prazer e comensalidade à mesa (FRANÇA et al., 2012).

O cinema nasceu da necessidade do homem em se expressar de uma forma mais complexa do que a simples linguagem usada no dia a dia. Uma grande evolução ocorreu desde os primórdios da sua criação até o que conhecemos hoje, nas grandes produções de Hollywood. O cinema se tornou um importante meio de comunicação e expressão, que tem ainda como função fundamental o entretenimento (KLAMMER, 2006).

Muito é falado atualmente sobre o hábito alimentar da população a nível mundial, e os seus problemas consequentes a isso, são notórios. Santos (2012) traz uma reflexão importante à cerca das metodologias usadas para trabalhar o ato do comer, onde o autor discursa que tem sido dada uma maior ênfase ao repasse das informações, com uma aparente lacuna entre o discurso e o prático, dando-se um enfoque predominantemente biológico, no âmbito das questões alimentares, com hegemonia de modelos baseados na transmissão do conhecimento, como exemplo, as palestras e a produção e disseminação de materiais informativos.

A sociedade nunca esteve tão envolvida com a tecnologia e, conseqüentemente, com imagens e sons. Os filmes de cinema, por meio da televisão e outros meios, invadem as residências das pessoas, despertando os sonhos adormecidos, e fazendo as pessoas vivenciarem dramas e grandes aventuras que mexem com o imaginário das pessoas conseguindo, dessa forma, interferir e até modificar hábitos e comportamentos, tornando-se referência cultural (LUCENA et al., 2014).

Entre o cinema e a mesa existem múltiplas afinidades, as proximidades são maiores que imaginamos. Várias vezes os diretores de cinema usam as representações à mesa para caracterizar um personagem, seja de forma cultural, civilizacional ou mesmo economicamente, levando a frase “diz-me o que comes, dir-te-ei quem és” como pressuposto para isso. O cinema traz outras peculiaridades como a escassez de alimentos ou a frugalidade, da ostentação e também do consumismo, nos fazendo refletir e compreender aspectos críticos relacionados ao social, a gastronomia, realidades, culturas, enfim, muitos fatos sobre a alimentação em seus diversos prismas (MONTORO, 2007).

Tendo em vista esta grande potencialidade do cinema, alguns autores decidiram por trabalha-la e averiguá-la no contexto em gerar reflexões e aprendizagem, como lembrado por Siedle (2006), que trouxe estudos realizados com populações adolescentes entre nível médio e superior demonstrando, a partir de resultados, o cinema como sendo uma importante tecnologia para a construção de conhecimentos dos mais variados temas e, ainda, possibilitando várias formas de interpretação e levando ao pensamento crítico.

Além disso, ainda em menção a Siedle (2006) pode-se dizer que o cinema traz um componente importante a toda esta problemática, que é o fator do imaginário, da ficção, do fugir da realidade. Não necessariamente é dito que devemos passar a viver em um universo de fantasias, mas que possamos ver a realidade através de uma ótica, incorporando mais um condicionante a este fenômeno.

Tendo em vista esta enorme potencialidade da sétima arte e sua estreita relação com a alimentação, o presente trabalho objetiva apreender percepções e reflexões sobre questões relacionadas a alimentação a partir da exibição de filmes, tendo o cinema enquanto ferramenta metodológica, através da tecnologia do Cinedebate, que traz uma nova forma de trabalhar assuntos pertinentes à nutrição, um método que possibilita incorporar outros saberes, culturas e experiências a esta discussão, já que sabemos que se alimentar envolve muito mais do que só ato de comer ou simplesmente o alimento propriamente dito, muitos condicionantes estão envolvidos nesse processo. Em ciência disso, temos o cinema como uma forma de subsidiar discussões e a construção em grupo do conhecimento, se caracterizando como uma ferramenta capaz de gerar novas ideias e reflexões sobre uma dada temática, no caso, a alimentação.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Apreender a percepção de indivíduos sobre questões relacionadas a alimentação a partir da exibição de filmes.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar o perfil do público frequentador do CineCidadania;
- Propiciar momentos de interação social à comunidade em geral através do cinema;
- Trabalhar questões ligadas à alimentação através do cinema.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1 A EXTENSÃO POPULAR NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Pensar na universidade como sendo um espaço de profissionalização, criação e disseminação de conhecimentos é um processo amplo e complexo, diante da diversidade da do trabalho acadêmico, dividido em: ensino, pesquisa e extensão. A extensão universitária, pautada aqui, apresenta uma diversidade conceitual e prática que influencia de forma contundente no “pensar” e no “fazer” dentro da Universidade [SERRANO, 2008]. A extensão, então, ocupa, em escala de importância, a mesma posição que o ensino e a pesquisa, pois é, sobretudo, através dela que os dados empíricos imediatos e teóricos se confrontam, gerando as permanentes reelaborações necessárias a construção do conhecimento científico (MARTINS, 2005?).

O conceito de extensão sofreu várias metamorfoses durante a história da sua participação nas universidades brasileiras, principalmente das públicas, várias foram as suas matizes e diretrizes conceituais. A primeira foi a extensão cursos, depois à extensão serviço, extensão assistencial, à extensão “redentora da função social da Universidade”, à extensão como “troca de conhecimentos” e a que conhecemos hoje, a extensão pautada na construção de conhecimentos [SERRANO, 2008].

A extensão também tem sua face voltada à perspectiva da produção do conhecimento “sociedade do conhecimento”, assim como seu desejo ardente de transformação contido em vários conceitos de extensão universitária. Tal objetivo acaba por remeter a definição da via de mão única, onde a universidade é detentora do conhecimento e potencialmente transformadora de um espaço, não levando em consideração que a comunidade não científica também transforma a sociedade acadêmica (MELO NETO, 2003). Scheidemantel et al. (2004) discute este aspecto da extensão no prisma de que a universidade influencia e também é influenciada, possibilitando uma construção de valores entre a universidade e o meio.

A extensão, na perspectiva da produção de conhecimento, não pode agregar conceitos e definições que expressam uma ideia de via de “mão única”, que se executa em apenas um sentido *universidade para o povo*. Esta visão não permite novas possibilidades, ela anula o espaço para debate de visões distintas, uma vez que atores da comunidade científica dogmatizam seus discursos (MELO NETO, 2003).

A extensão é um processo educativo e, ao mesmo tempo, científico, ao fazer extensão estamos produzindo conhecimento, um conhecimento totalmente novo, onde é possibilitado que a sociedade transforme a universidade e vice-versa. O conhecimento é construído dentro da realidade da comunidade, existindo um compartilhamento de saberes que produzirá um conhecimento alicerçado nesse contexto [SERRANO, 2008]. A extensão trabalha de forma indissociável com o ensino e a pesquisa através de um trabalho inter e transdisciplinar, levando em consideração que o mundo e suas práticas sociais fazem parte de um processo crítico de inter-relação que não podem ser separados. Esta metodologia possibilita uma visão mais global das questões sociais, objetivando a transformação de uma realidade em questão (ALVES, 2004).

Scheidemantel et al. (2004) elenca algumas das várias vantagens da extensão na construção do conhecimento e em questões diretamente ligadas a essa problemática, que são: conhecimento da realidade da comunidade em que a universidade está inserida; prestação de serviços e assistência à comunidade (ainda existe, porém, não como mais o foco); fornecimento de subsídios para o aprimoramento curricular e criação de novos cursos; fornecimento de subsídios para o aprimoramento da estrutura e diretrizes da própria universidade na busca pela qualidade; facilitação da integração entre ensino e pesquisa; possibilita a integralização entre universidade e comunidade; possibilita a comunidade acadêmica conhecer a problemática nacional e atuar na busca soluções plausíveis.

Porém, as vantagens citadas no parágrafo anterior, nem sempre foram vistas. Como Ribeiro (2009) traz, o envolvimento com atividades em extensão era marginalizada. Isso se deve principalmente a uma visão equivocada de que os docentes usuários desta metodologia não tinham vocação, capacidade ou títulos para fazer pesquisa “de verdade”. O cenário tem mudado ao longo dos anos, e a extensão vem ganhando espaço e credibilidade dentro da academia, passando a contar, inclusive, com financiamento do governo federal.

A extensão se mostra como um trabalho social útil sobre a realidade, conseguindo unir em suas atividades, através de um processo dialético, a teoria e a prática, resultando em um produto que é o conhecimento novo, que, durante a sua produção, possibilita aos participantes do processo o exercício do pensamento crítico e do trabalhar e dialogar em grupo (MELO NETO, 2003). Além disso, a extensão oportuniza a formação profissional numa forma mais completa, se caracterizando como um espaço privilegiado na produção de conhecimentos significativos, importantes na superação das desigualdades sociais existentes no mundo, se configurando como prática que interliga os três pilares da universidade (SHEIDEMANTEL; KLEIN; TEXEIRA, 2004).

Por meio da extensão popular, todos os dias, centenas de atores sociais vêm reinventando a Universidade, fazendo dela um espaço que incentive, fortaleça e desenvolva a criatividade e a autonomia dos grupos populares, respeitando suas demandas e se mobilizando a partir delas. Dentro dessas experiências, observamos uma tentativa de distanciamento do ativismo em direção à articulação entre ensino, pesquisa e extensão a partir dos desafios e das dificuldades sociais. Que os problemas das pesquisas derivem também dos mais emergentes problemas sociais sentidos e vivenciados pelos setores subalternos da sociedade. Que a produção de conhecimentos esteja encharcada de utilidade, para que esses grupos possam reivindicar seus direitos e realizá-los de modo permanente, com altivez. A partir daí, os temas do ensino dialogariam com as necessidades sociais, estariam articuladas com o mundo concreto, as pessoas e as vivências sociais (CRUZ, 2013, p. 23).

Uma metodologia muito utilizada nos projetos de extensão são os grupos de discussão. Os grupos de discussão passaram a ser utilizados na pesquisa social pela primeira vez na Alemanha, a partir dos anos 50, por integrantes da Escola de Frankfurt, em um estudo realizado por Friedrich Pollok, no qual participaram 1.800 pessoas de várias faixas sociais. Porém, só a partir da década de 70 esse tipo de estudo obteve reconhecimento como pano de fundo teórico-metodológico, se caracterizando realmente como método e não apenas como uma pesquisa de opinião (WELLER, 2006). “As três grandes áreas que fundamentam os grupos de discussão são: a sociologia, a linguagem e a psicanálise” (MEINERZ, 2011, p. 492).

A metodologia dos grupos de discussão permitiu a compreensão dos sujeitos sobre determinados temas a partir da influência de discursos sociais produzidos de forma coletiva, ou seja, esta metodologia aparece como uma nova forma de entender os discursos individuais partindo de uma interação em grupo. Tal prática é nascida dos estudos sociológicos e trabalhada de uma maneira específica na sociologia espanhola (MEINERZ, 2011).

O resultado do grupo de discussão fica registrado numa gravação, que é transcrita e deve ser acompanhada dos comportamentos relevantes observados no grupo (risos, burburinhos, expressões de aprovação ou reprovação etc.) A análise, assim, está presente em todo o processo de investigação, desde a seleção dos componentes até a forma como se desenrola a discussão (MEINERZ, 2011, p. 496).

Os grupos de discussão, se revelam como uma possibilidade extraordinária de compreensão da dinâmica das relações sociais. É, porém, uma proposta que exige uma certa rigorosidade no seu tocante, como também no sentido de conhecer suas bases teóricas e logo relacioná-las entre si e com a realidade do objeto de estudo. No que se refere a parte prática, requer rigor e astúcia no momento de sua implementação, observando possíveis tensionamentos e reformulações na execução (MEINERZ, 2011).

Os grupos de discussão, enquanto ferramenta de pesquisa, constituem um importante método para a reorientação e renovação dos contextos sociais e dos modelos que regem as



orientações dos sujeitos. Desse modo, os grupos de discussão representam um instrumento onde o pesquisador estabelece uma rota de acesso que permite a reconstrução de diferentes cenários sociais, objetivando que os participantes se sintam tranquilos para falar de suas opiniões, ideias, reflexões e vivências (WELLER, 2006).

### 3.2 O CINEMA COMO FERRAMENTA TRANSFORMADORA

O cinema tem se tornado uma importante ferramenta, que cresce em proporções rápidas, com bom êxito nas três esferas acadêmicas principais, pesquisa, ensino e extensão. Cruz e Mendonça (2008, p. 579), pensando no caráter extensionista, relata o cinema, especificamente os documentários e/ou sua produção, como um instrumento de inserção social, através da participação de jovens de comunidades carentes na produção de obras cinematográficas, com a posterior exibição destes produtos na própria comunidade, abordando variados temas dentro que geraram debates com a participação ativa do público destes locais de vulnerabilidade social. Além disso, é possível propiciar uma produção onde comunidade local e acadêmica podem estar trabalhando juntos, gerando algo totalmente novo.

Vasconcellos (2006 apud Cruz e Mendonça, 2008) apontam para uma nova tendência, uma forma diferente de construção e dissipação do conhecimento, onde o teatro e o cinema estão como participantes principais desta renovação que é natural e sadia de ocorrer. Ainda é cedo para se afirmar que tais métodos estão firmados, pois ainda existem certas áreas que não são tão abertas a tais mudanças, entretanto, é algo novo e promissor e é interessante se testar, já que estamos em uma época em que novos paradigmas tecnológicos são desenvolvidos.

Além da questão do cinema ser uma importante ferramenta de disseminação do conhecimento, é ainda uma opção divertida e interessante de lazer, porém, que muitos não têm acesso. Galeno (2008) narra que existem alguns projetos no Brasil que se apropriam da escassez de cinemas pelas cidades brasileiras de menor porte e oferecem exibições gratuitas, como é o caso do documentário *Cine Mambembe: o cinema descobre o Brasil*, onde foi exposta a aventura de um casal de cineastas que rodou o Brasil, de janeiro a agosto, exibindo filmes em praças públicas pelo interior do país, retratando bem esta situação.

É interessante a oportunidade de se ter acesso ao cinema, pois como já dito por Berti e Carvalho (2013) “[...] o cinema, como exterior a um eu, possibilita estabelecer relações, promover encontros, produzir afetos”. Características essenciais para se iniciar qualquer que seja o debate.

O cinema (que neste sentido exprime o ato de assistir a um filme) como alteridade, nos permite se colocar no lugar do outro, de sentir na pele ser “o índio”, ser “o negro”, ser “o magro”, ser “o gordo”, de realmente sair do conforto da nossa bolha, da realidade que criamos em torno de nós mesmos e entender que há a necessidade da convivência (BERTI; CARVALHO, 2013).

Entender o cinema como diferença e alteridade amplia a noção de cinema como linguagem, indo além das perspectivas tradicionais estruturalistas que estudam a narrativa cinematográfica e a decodificação de signos. Não se trata de fazer uma análise sintática minuciosa do cinema. A atitude estética é de que os espectadores tenham a postura de sujeitos aprendentes diante das obras analisadas, compartilhando as emoções, revelando o cinema como arte, assumindo uma postura criadora (BERTI; CARVALHO, 2013, p. 186).

Duarte (2002 apud Klaus, 2003) diz que o cinema contribui com o amadurecimento da chamada “competência para ver”, porém, não se pode restringir tal desenvolvimento a somente o ato de assistir, e sim ao ato mais as relações sociais e culturais de cada indivíduo. Tal afirmação fomenta a importância do debate às exhibições dos filmes, que só a simples exibição não atinge o ápice do que a prática pode alcançar.

Muito se sabe que as discussões giram em torno do texto, seja ele escrito no papel ou digitalizado, para Cruz e Mendonça (2008, p. 581) “[...] o desafio gira em torno de usarmos as novas possibilidades expressivas do audiovisual para significar e discorrer sobre campos que estavam circunscritos ao texto literário”. O artifício do cinema traz a capacidade de transmissão de novos conhecimentos de modo dinâmico e, até certo ponto, divertido, trazendo uma nova opção para aqueles que não têm muita intimidade com a leitura.

Diante disto, muito tem sido discutido a respeito do cinema como uma forma de trabalho científico, estando em patamar de aceitação igualmente a livros ou periódicos acadêmicos impressos. Sabendo e notadamente admitindo que a forma de repasse influenciará diretamente na interpretação e, principalmente, no interesse de quem tem o material em mãos, a tecnologia aliada ao cinema parece ditar uma nova tradição, como já dito uma nova tendência a partir do gigantesco campo expressivo popularização que esta metodologia tem (CRUZ; MEDONÇA, 2008, p. 581). “Entende-se que deve incentivo à novas formas de leitura de mundo, de linguagens, que não se restrinjam somente à escrita e à oralidade (KLAMER et al., 2006)”.

A capacidade de transmissão do conhecimento através do cinema é corroborada com as observações de Klammer et al., (2006), onde é lembrado de onde vem a essência do cinema, que foi primordialmente pela necessidade de se comunicar, e isto por meio de fatos

verídicos. Entretanto, com o avançar dos tempos foram incrementadas novas funções para o cinema, incorporando às suas exibições o fictício, o desejo de tornar de viver uma realidade impossível. Então, além da sua característica de entreter é importante ressaltar a que foi criado, a de comunicar-se.

### 3.3 A ALIMENTAÇÃO E SUA PARTICIPAÇÃO NA SÉTIMA ARTE

A alimentação é uma necessidade básica inerente ao ser humano, sujeito a interferências étnicas, filosóficas, regionais, religiosas e sociais. O ato de comer envolve muito mais do que só suprir às necessidades fisiológicas, a reunião em torno da comida faz parte de um ritual de satisfação e se configura como uma forma de reunir pessoas e costumes (FRANÇA et al., 2012). “A escolha do alimento revela muitas vezes a que grupo se deseja pertencer, seja este social, étnico ou de idade (BLEIL, 1998)”.

O hábito alimentar vem sofrendo uma forte transição nas últimas décadas, talvez, o prazer que certos alimentos fornecem, tenha se sobreposto a moderação em forma de excessos à mesa. França et al., (2012), traz uma visão interessante sobre este aspecto, quanto a influência que o surgimento da indústria alimentícia trouxe, ao passo que, já é fato a redefinição do perfil alimentar dos consumidores. Produtos regionais e de tradição cultural estão perdendo espaço para os produtos processados, principalmente nas grandes cidades, onde o fast-food predomina e sua oferta é muito grande.

Para França et al., (2012), fatores como mais pessoas se alimentando fora de casa e a preferência por compra de alimentos em supermercados, têm sido favorecedores, fomentadores e divulgadores desta nova forma de se alimentar. Além disso, o marketing desses produtos, assim como o perfil consumista, muito característico do capitalismo, tem papel importante nesse processo que depende simplesmente da vontade, da simples escolha.

Uma das características principais desta mudança é o alimento em si, dietas extremamente calóricas, rica em açúcares e gorduras, e que não suprem a necessidade básica por nutrientes. Diante disso, temos outra característica importante nesta transição, que é o surgimento ou agravamento de patologias como as dislipidemias, a obesidade e outras doenças não transmissíveis, como a própria síndrome metabólica (FRANÇA et al., 2012).

Dentre os problemas de uma alimentação hipercalórica, inicialmente, se tem o ganho de peso relativo, que pode atingir um certo grau de obesidade. Para Nunes (2007), a obesidade é um grave problema que os serviços de saúde enfrentam, estando relacionada com o

surgimento de inúmeras outras patologias, como as afecções cardiovasculares, o diabetes mellitus, os distúrbios metabólicos e endócrinos, a apnéia do sono, as osteoartrites, alguns cânceres e problemas psicológicos. O mais alarmante é que sua prevalência é crescente, principalmente nos países desenvolvidos e na população jovem.

A ingestão calórica elevada e o sedentarismo são apontados como os vilões no aumento das estatísticas relativas à obesidade. Teoricamente, um nível socioeconômico mais elevado propiciaria maiores oportunidades, no que diz respeito à aquisição de alimentos frescos e considerados saudáveis, assim como a possibilidade em praticar exercícios físicos, entretanto, o que se tinha era justamente o contrário. O excesso de peso e a obesidade eram uma afecção exclusiva das elites. Porém, hoje, isso tem ocorrido em grandes proporções em países como o Brasil, em desenvolvimento, e em classes menos favorecidas (NUNES, 2007).

Bleil (1998) já citava as mudanças notadas, globalmente, desde a década de 50, onde as mais perceptíveis eram os fenômenos da urbanização e da globalização, que acarretaram transformações na qualidade dos alimentos produzidos e industrializados. Bleil (1998), em conformidade com o que vemos hoje, já relatava que a fome era uma consequência não só da pouca disponibilidade, como também da redução da qualidade dos alimentos, excessivamente processados, com preço muito acessível se comparado aos alimentos ditos como saudáveis.

Bleil (1998), já falava, hipoteticamente, no que nós temos hoje em dia, um novo padrão alimentar, onde já é notado um grande prejuízo dos produtos tradicionais da dieta, como por exemplo, o feijão e a farinha de mandioca, a favor daqueles com maior praticidade para o cotidiano.

Quando nos questionamos sobre o que comemos, onde comemos, com quem comemos, como se come, as respostas acabam por nos transportar a descobrir as relações sociais e culturais que são criadas e os significados em volta disso. Tais significados ganham representações através das artes. O cinema dentro dessa problemática ganha destaque, pois nos possibilita reagir sobre os sentidos do olfato e do gosto. A gastronomia tem tido importante destaque nas telas de cinema, envolvendo sentimentos, paixões, conflitos que giram em torno da comida, isso acaba por fazer do cinema um atrativo e tanto para quem gosta da temática (YASOSHIMA, 2012).

O primeiro filme exibido com a alimentação como coadjuvante foi o *Le Repas de Bébé* (o almoço do bebê), no dia 28 de dezembro de 1895, em Paris, com os irmãos Lumière como responsáveis pelo fato histórico (YASOSHIMA, 2012).

Hoje, após mais de meio século, existem mais de uma centena de filmes retratando a gastronomia das mais diversas formas e, em todos, grandes gêneros cinematográficos, com

grande público em suas exibições espalhadas pelo mundo (YASOSHIMA, 2012). Cinema e culinária tem se mostrado uma excelente combinação, receita certa de muito sucesso. Os amantes da boa mesa se deliciam com os pratos mostrados nas cenas, enquanto que os amantes da requintada gastronomia se preocupam em reconhecer detalhes do preparo de cada prato (LUCENA et al., 2014).

Chenille (2004, p. 12), ao perceber essa crescente de filmes com a alimentação como tema afirma:

Esta constatação pode corroborar a ideia de que cinema e a cozinha caminham juntos num ambiente de globalização que difunde, numa escala maior, os produtos (ou pelo menos a sua imagem) uniformizando de fato as origens desses produtos. Para se tornar um patrimônio culinário e, também, cinematográfico, deve defender a sua expressão. Esta defesa do *patrimônio* passa por uma produção, uma implementação de saberes e pela colocação em valor desta produção (isto é a promoção, a publicidade). E a promoção na época da televisão, da multimídia, e... do cinema, passa pela imagem. Pode-se portanto pensar que a multiplicação de filmes gastronômicos visa servir ao mesmo tempo o cinema, a cozinha francesa e italiana, promovendo-os sobre as telas do mundo inteiro.

**Tabela 1** – Produção de filmes gastronômicos por década

<b>Década</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual</b>
<b>1931 – 1940</b>	1	0,8%
<b>1941 – 1950</b>	1	0,8%
<b>1951 – 1960</b>	1	0,8%
<b>1961 – 1970</b>	3	2,5%
<b>1971 – 1980</b>	6	5,0%
<b>1981 – 1990</b>	11	9,2%
<b>1991 – 2000</b>	31	25,8%
<b>2001 – 2010</b>	58	48,3%
<b>2011...</b>	8	6,7%
<b>Total</b>	120	100%

Fonte: (YASHOSHIMA, 2012)

Na **Tabela 1**, Yashoshima (2012) traz dados que corroboram com esse forte crescimento de produções cinematográficas com temáticas ligadas à alimentação ao longo das décadas, começando a contar da década de 30. É notório o crescimento dos *food films* durante às últimas décadas, mostrando acentuado crescimento na década de 2000 e um prognóstico de muitas produções para a década atual, visto que, em 2011, iniciou o decênio

atual, as produções já chegam a 6,7%, mais que todo o produto cinematográfico da década de 70, por exemplo.

Muitos filmes já bem reconhecidos pelo público trazem em seus títulos referências claras de que a gastronomia fará papel importante na obra, de protagonista ou coadjuvante de uma história de drama, de sucesso ou até mesmo de suspense. Temos alguns filmes como *Tomates verdes fritos* (Jon Avnett, 1991), o nacional *Amarelo manga* (Cláudio Assis, 2003), *Estômago* (Marcos Jorge, 2007), *Chocolate* estrelado pelo aclamado Jhonny Depp (Lasse Hallström, 2000), todos eles com forte influência da alimentação em seus enredos (CARDOZO; ANTONIO, 2006).

Os “comes e bebes” mantém uma relação mais ampla com o cinema do que apenas influenciarem nas tramas dos filmes. Muitas vezes se fazem presente por trás das câmeras, outras vezes são combinados em mostras de cinema e gastronomia e eventos especiais (MONTORO, 2007).

Montoro (2007) faz uma metáfora interessante a partir da lista de filmes presentes na sala de uma bilheteria de um espaço destinado às exibições de filmes com um menu de um restaurante, como se, nesse contexto, a lista de filmes fosse um banquete esplêndido para um cinéfilo, representando aqui os vários tipos de comensais, que têm seu interesse despertado por um certo tipo de alimento, como nas enormes fotos nos cardápios dos fast-foods; assim acontece com o apreciador de filmes, que terá em seu rol filmes de ação, suspense, drama, comédia, comédia romântica entre outros.

O cinema, ainda em sua bem sucedida parceria com a comida, traz em seus enredos as mesas culturais de cada povo e civilização, de qualquer que for a época, fazendo, de certo modo, a divulgação dos modos de vida, dos temperos e da cultura dos povos, apresentando da mais alta gastronomia ao mais singelo prato (LUCENA et al., 2014).

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 4.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa é do tipo transversal, de caráter descritivo, com coleta de dados no campo e de abordagem qualitativa.

A pesquisa qualitativa não busca enumerar e/ou medir eventos estudados ou utilizar programas ou instrumentos estatísticos para a análise de dados. A pesquisa qualitativa parte de um tema amplo que se define à medida que o estudo transcorre, esse tipo de pesquisa busca compreender os fenômenos sobre a ótica dos sujeitos, dos participantes do estudo (GODOY, 1995).

### 4.2 CENÁRIO E CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa ocorreu no contexto de um projeto maior, intitulado CineCidadania, durante a vigência 2016 do PROEXT (Programa de Extensão). O espaço utilizado para realização da pesquisa foi o Museu do Homem do Curimataú, da cidade de Cuité – PB.

### 4.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Os dados foram coletados durante 3 exibições, onde levou-se em consideração que, após a terceira exibição de coleta, com 24 questionários, chegou-se ao número de saturação para a pesquisa.

O fechamento amostral por saturação define-se como a suspensão de inclusão de novos dados à pesquisa, que, na interpretação do pesquisador, apresentem uma certa redundância ou repetição, não sendo considerado interessante persistir na coleta (DENZIN; LICONLN, 1994).

Destaca-se ainda que foi realizado uma exibição piloto para ajuste de questionário e metodologia. Foi exibido o filme “*Sentidos do Amor*”, que traz a história de um chefe de cozinha e um epidemiologista e que serviu para a realização dos ajustes necessários a metodologia.

#### 4.4 SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com os participantes que compareceram às exibições do CineCidadania nos dias da coleta de dados, sendo escolhidos 10 pessoas de forma aleatória e sem nenhum critério específico de seleção, bastando apenas aceitar participar da pesquisa.

#### 4.5 COLETA DE DADOS E INSTRUMENTO

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário estruturado. O questionário era composto por 17 questões, que incluíam perguntas abertas e fechadas, sobre o perfil do público participante e suas opiniões a respeito do filme exibido (APÊNDICE I), o mesmo foi aplicado por entrevistadores que, previamente, passaram por um treinamento. As entrevistas ocorriam após a exibição e discussão da temática proposta. Outro método de obtenção dos dados foi a gravação das falas dos participantes durante o debate, que, posteriormente, foram transcritas para melhor análise.

#### 4.6 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados coletados se deu de forma descritiva, tanto as informações coletadas por meio do questionário, como as gravações das falas. Para esta seguiu-se as etapas de: transcrição na íntegra dos dados obtidos por gravação; decodificação e a análise propriamente dita. A transcrição é a etapa no qual o pesquisador irá transferir, na íntegra, para a linguagem escrita, todo o conteúdo que foi gravado. A decodificação consiste na identificação e classificação dos dados dentro de eixos temáticos que englobam as falas. Por fim, a análise propriamente dita, que leva em consideração cada aspecto da fala, a entonação do discurso, as palavras e o seu contexto, a frequência com que algo se repete e à sua intensidade (KRUEGER, 1994; MORGAN, 1998).

#### 4.7 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa foi submetida e devidamente aprovada pelo Comitê de Ética, respeitando as diretrizes e normas presentes na Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde,



por se tratar de uma pesquisa feita com seres humanos. Para iniciar a coleta de dados, era pedido aos participantes que assinassem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE I e II), que autorizava a realização da pesquisa e o uso das informações passadas, salientando-se que o entrevistador ou mediador, antes de iniciar a discussão e a entrevista, deixava o participante à par de todas as informações necessárias e importantes sobre a realização da pesquisa e o uso dos dados ali divulgados.

Cada participante desta pesquisa recebeu um codinome relacionado ao cinema para resguardar a sua identidade e manter o anonimato sobre as informações concedidas.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados descritos dizem respeito a exibição de três filmes, que foram:

- 1- *Comer, rezar e amar*;
- 2- *Maus hábitos*;
- 3- Documentário nacional *Muito além do peso*.

Para melhor entendimento da discussão, optou-se por descrever a sinopse de cada filme:

*Comer, rezar e amar* - Em torno dos 30 anos, Elizabeth Gilbert (Julia Roberts) enfrentou uma crise da meia-idade precoce. Tinha tudo que uma americana instruída e ambiciosa teoricamente poderia querer. Mas em vez de sentir-se feliz e realizada, foi tomada pelo pânico, pela tristeza e pela confusão. Enfrentou um divórcio, uma depressão debilitante e outro amor fracassado. Foi quando tomou uma decisão radical: livrou-se de todos os bens materiais, demitiu-se do emprego, e partiu para uma viagem de um ano pelo mundo, sozinha (Google: Livraria e Cinema, 2016).

*Maus hábitos* - Matilde (Ximena Ayala) é uma jovem freira que inicia um jejum místico para impedir uma inundação, que acredita estar por vir. Elena (Elenia de Haro) é uma mulher linda e magra, que tem vergonha do peso de sua filha, Linda (Elisa Vicedo), e pretende fazer de tudo para que ela emagreça até sua 1ª comunhão. Ao mesmo tempo o pai de Linda, Gustavo (Marco Antonio Treviño), redescobre o amor nos braços de uma estudante chamada Gordinha (Milagros Vidal), que também é apaixonada por comida (Google: Adoro o Cinema, 2016).

*Muito além do peso* – Para colorir e sonorizar o problema da má alimentação em nossas crianças, a equipe do documentário “muito além do peso” buscou personagens com histórias reais, percorrendo as cinco regiões do país, mergulhando nas mais diferentes realidades sociais, e entrevistando especialistas do Brasil, América Latina, Estados Unidos, Europa e Ásia. São histórias de crianças, pais, professores e médicos que emocionam, chocam, informam e alertam sobre a obesidade. Recheada por dados numéricos, o documentário constrói um painel amplo e reflexivo sobre o problema crítico dos maus hábitos alimentares (GOOGLE: Guia da semana, 2016).

Os resultados que transcorrerão mais adiante foram organizados em torno de eixos temáticos, identificados durante a análise dos dados que foram obtidos durante a discussão

pós-filme, e aqueles advindos das respostas dos questionários que foram aplicados após as discussões de cada filme.

## 5.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os resultados apresentados a seguir são referentes ao método de coleta de dados dos questionários aplicados.

A amostra foi composta por 24 questionários, de 30 que se pretendia aplicar. A perda de 6 questionários se deu pelo fato de em uma das exposições ter um número reduzido de pessoas participando e em outra exposição ter faltado um entrevistador.

Quanto à faixa-etária dos participantes, a média ficou entre 25 anos, em um intervalo de 17 a 49 anos de idade. Sobre a identidade de gênero, 11 se reconheceram como homens e 13 como mulheres.

Em relação a escolaridade, encontrou-se que 20 pessoas tinham ensino superior incompleto, onde 100% destas, estavam com matrícula aberta e cursando o ensino superior na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Isso pode ser observado com mais clareza na **Tabela 2**, abaixo:

**Tabela 2** – Número de Alunos por Curso

Curso	Número de alunos	Número de alunos (%)
Nutrição	13	65 %
Enfermagem	3	15%
Farmácia	3	15%
Química	1	5%
<b>Total</b>	20	100%

Fonte: dados da pesquisa

Na **Tabela 2**, se observa um maior predomínio da presença dos alunos pertencentes ao curso de bacharelado em Nutrição, como também quase que 100% dos entrevistados que são universitários pertencem a cursos da saúde, com a presença de apenas um representante da unidade da educação, especificamente do curso de licenciatura em química.

Tal fato pode ser explicado pela natureza do projeto a que concebeu essa pesquisa, pois trata-se de um projeto pertencente a um curso da saúde, que trouxe filmes com abordagens direta e indiretamente relacionados com o curso de nutrição, o que contribuiu para

atrair mais facilmente acadêmicos da área. Isso ocorreu mesmo com uma divulgação generalista, direcionada para o público acadêmico de qualquer curso e para o público da comunidade em geral.

Ainda em relação ao nível de instrução, o restante se dividiu entre: superior completo (2 pessoas) e ensino fundamental completo (2 pessoas), sendo os primeiros representados por um professor Dr. do curso de farmácia da UFCG e uma pós-graduanda em ciências sociais da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte); os demais concluíram o ensino fundamental na escola estadual de Cuité – PB, Orlando Venâncio dos Santos.

É importante destacar que, dos 24 participantes, 21 são universitários da UFCG - campus Cuité, 1 é pós-graduanda na UFRN e apenas 2 são da comunidade. A extensão busca uma interação entre a academia e a comunidade local, objetivando uma construção de saberes. Desta forma, é importante levarmos em consideração que esta análise diz respeito a três dias de exibição específicos, não devendo ser extrapolada a ideia de que o projeto CineCidadania tem como público apenas estudantes universitários. No entanto, vale a pena ressaltar que para filmes com temáticas voltadas para a alimentação, como no caso desta pesquisa, o interesse pareceu ser mais despertado em estudantes universitários do que na comunidade em geral.

## 5.2 RACIONALIZAÇÃO DA COMIDA E PRIVAÇÃO ALIMENTAR

O primeiro eixo construído por meio das falas durante a discussão do grupo foi o eixo relacionado à racionalização da comida e privação alimentar. Percebeu-se através das falas que os participantes procuravam, de certa forma, condenar o ato de se privar em relação à comida, mostrando a sua insatisfação nos momentos do debate em que o tema vinha à tona.

A privação alimentar pode se dar de duas formas: aquela em que o indivíduo tem fome e não tem o alimento para supri-la (caracterizando-se como privação do alimento em si) e a que daremos enfoque aqui, onde se tem comida e, mesmo assim, existe a privação dos alimentos em detrimento de um objetivo a ser alcançado.

Vale e Elias (2011) trata a privação alimentar como um comportamento característico e iniciador dos chamados Transtornos Alimentares (TA) e ainda diz que levantamentos bibliográficos sugerem que boa parte das complicações clínicas dos TA ocorrem em função da privação alimentar.

Em relação ao ato de se privar de comer, muitos fatores podem estar associados, como na fala citada abaixo, onde o lado emocional é totalmente afetado pelo traço depressivo

marcante da perda do sentido da vida, que interfere diretamente na forma como o indivíduo está se alimentando, no caso, para apenas manter suas atividades fisiológicas funcionantes.

*Marilyn Monroe: Quando ela estava em Nova Iorque ela comia para apenas alimentar o fisiológico, se manter [...] a vida dela estava vazia e sem sentido.. ela não tinha muito sentido pra viver.*

O ato de se alimentar é complexo, misturando excessos e também privações. Muito tem se falado e debatido sobre o exagero e suas várias consequências, esquecendo-se, inúmeras vezes, que a falta também é um problema e que pode trazer agravos a saúde das pessoas. Tal ideia é fomentada nas falas abaixo.

*Robert De Niro: Interessante esse negócio que conhecemos por gula, porque a gente vê muito o lado do excesso da gula, né? Mas existe a gula de comer demais e a gula de não comer. É gula também. Dessa forma a gente percebe que tem outros lados, né? No fim, o que nos faz mal é o excesso...*

*Marylin Monroe: Não exagerar na alimentação, mas também não parar de comer de vez.*

Em situações de privação afetiva, a comida pode ocupar o espaço de reforçadores sociais quando estes não estão disponíveis por alguma razão, como situações de: ausência de habilidades sociais, supressão dos comportamentos sociais, etc. (VALE; ELIAS, 2011, p. 59).

*Angelina Jolie: Às vezes, a gente se priva da comida, tendo a comida na mesa.*

A história de privação alimentar de um indivíduo pode interferir diretamente em alterações significativas e persistentes no seu padrão alimentar, influenciando também em seu estado de humor e cognição. A normalização da alimentação dependerá da resolução dos fatores que estão desencadeando este processo, sejam eles afetivos, sociais, amorosos, estéticos, etc (DUCHESNE; ALMEIDA, 2002).

Foi possível apreender através das falas que os participantes fizeram associações entre a questão da privação alimentar percebida nos filmes com suas experiências de vida, trazendo para discussão a relação da privação alimentar e sua relação com a profissão do nutricionista. Foi expressado que muitas vezes os pacientes procuram o profissional nutricionista com o desejo de obter um plano alimentar que supra as suas necessidades fisiológicas e os levem ao objetivo do corpo desejado, mesmo que para isso seja necessário que a alimentação se baseie numa dieta monótona, composta basicamente por frango e batata-doce, por exemplo, caracterizando a ideia encapsulada dos nutrientes.

Sabino, Luz e Carvalho (2010), ao estudarem um grupo de frequentadores assíduos de academias e *fitness* no município do Rio de Janeiro, notaram que a comida tem perdido o seu ‘encantamento’ e o comprometimento do sentido da comensalidade. A hora de se alimentar para os fisiculturistas estudados passou a ser um ato solitário, com supervalorização da tecnologia alimentar (uso abusivo de suplementos alimentares) e dissociação do comer e prazer, traços marcantes de um processo de racionalização da alimentação.

O movimento de racionalização alimentar parece ter surgido após uma ênfase na concepção de higiene, que passou a significar ação preventiva à doenças, com surgimento no século XIX. Em fomento a isso, no que concerne ao aspecto alimentar, o processo de racionalização alimentar médico-científica objetivou administrar epidemias relacionadas ao ato de comer, crescente em excessos na contemporaneidade. Se, por um lado, tal processo tenha ajudado no controle epidemiológico, por outro, talvez, tenha ajudado no desencadeamento do que hoje chamamos de racionalização exacerbada da alimentação (SABINO; LUZ; CARVALHO, 2010).

Esse processo de racionalização alimentar é crescente e como narrado por Benetti e Hagen (2008), os nutrientes estão cada vez mais em pauta em revistas e meios de comunicação, como se estivessem dissociados dos alimentos. Em uma perspectiva científica estão associados à inteligência, à consciência do sujeito, à influência da alimentação da mãe sobre o sexo do bebê e à perspectiva de um futuro onde possamos consumir os nutrientes e não alimentos, na forma de administração da maioria dos medicamentos encontrados, os comprimidos.

### 5.3 PRAZER NA ALIMENTAÇÃO

Em oposto ao que foi discutido sobre a racionalização alimentar e a privação do comer, temos o prazer na alimentação. Este foi outro eixo de discussão importante bastante debatido nas rodas de discussão pós-filme. As ideias estiveram, no geral, em convergência, tratando o prazer obtido através da alimentação não como sendo indispensável à sobrevivência, porém, como algo que deve ser sentido, sempre que possível, como pode ser observado na fala a seguir.

*Angelina Jolie: O alimento, assim como nutriente é também prazer. Achei massa aquelas sequências de cenas do prazer dele ver a filha dele comer; na casa dele não tinha prazer em relação à comida.*

O alimentar-se é um ato vital, sem o qual não há vida possível, mas, ao se alimentar, o homem cria práticas e atribui significados àquilo que está incorporando a si mesmo, o que vai além da utilização dos alimentos pelo organismo (MACIEL, 2001).

Nesse contexto, Leonardo (2009) traz que a alimentação do brasileiro é voltada muito mais para o prazer em comer, do que para o valor nutritivo do alimento consumido. Ou seja, come-se muito mais pelo prazer que aquele alimento proporcionará do que pelos nutrientes que estão presentes no mesmo.

O prazer na alimentação humana é trabalhada anteriormente ao momento do seu nascimento. A sensibilidade aos sabores já se inicia durante o período pré-natal, com ênfase ao sabor doce, que é uma preferência inata. O sabor é diretamente ligado ao prazer e este se mantém ao longo do tempo (RAMOS; STEIN, 2000).

Para Valente (2002) quando as pessoas se alimentam, elas não se atentam apenas para as suas necessidades nutricionais, elas se constroem e potencializam-se como animais racionais, nas suas esferas orgânicas, intelectuais, psicológicas e espirituais.

Um estudo realizado por Jomori (2006) em Santa Catarina sobre a escolha alimentar de comensais de um restaurante *self-service* por peso, revelou dois perfis diferentes quanto à escolha dos alimentos. Um deles se caracterizava predominantemente por mulheres que escolhiam os alimentos baseadas nas questões de saúde, valor nutricional e estética corporal. O outro, em sua maioria composto por homens, mostrou características bem diferentes em relação ao outro grupo. Observou-se que eles escolhiam pratos sem saladas e a maior parte declarou escolher pelo prazer que o alimento proporciona, em detrimento do valor nutricional.

Em outro estudo realizado por Trindade e Perez (2013), quando observado o prazer na alimentação em relação ao contexto social, notou-se que existe uma maior preocupação por parte das famílias com maior poder aquisitivo em relação ao prazer na hora de se alimentar,

diferentemente das famílias com uma renda mais baixa, onde a preocupação gira em torno de ter o alimento para suprir suas necessidades fisiológicas, muito embora, essas mesmas famílias reconhecem a importância da alimentação no contexto do prazer.

A discussão, muitas vezes, trouxe o prazer da alimentação para o contexto da racionalização alimentar (já discutida neste trabalho), contendo divergências de opiniões e traços em seus discursos com excessiva preocupação da realização estética em detrimento do prazer. Porém, é importante ressaltar que esse movimento ainda faz parte da minoria, como observado na fala a seguir.

*Steven Spielberg: Eu sigo um protocolo para o meu objetivo maior do que o prazer momentâneo.*

Esse discurso demonstra uma visão em segundo plano da alimentação na sua condição em proporcionar prazer e bem estar. O prazer tem sido substituído por outros prazeres, como cita Santos (2010), que expõe um outro evento; uma racionalização do prazer ao mesmo tempo que se tenta transferir o prazer perdido para outros campos: o prazer de ser magro que é mais intenso do que o prazer fugaz do comer. Este processo é marcado por uma diversidade de formas de comer, como por exemplo, a lipofobia e a calorofobia, que estão no centro nuclear das estratégias da troca do prazer.

*Robert De Niro: O que vemos hoje é uma forte demonização da comida, em especial para a própria gordura. A gente sabe dos efeitos colaterais, danosos da obesidade, mas aí...*

O prazer alimentar é o que mais sofre influência da racionalização alimentar, onde as pessoas tentam obter um controle sobre este prazer alimentar, buscando, até certo ponto, descaracterizar e reduzir o valor agregado daquele prazer obtido pela ingestão de um determinado alimento. Esquecem-se das estreitas relações existentes entre a memória e a comida, que pode funcionar como um resgate dos momentos vividos outrora. O prazer alimentar não pode ser reduzido a um prazer efêmero, desconsiderando sua enorme complexidade (SANTOS, 2010).

A comida se revela, e também se revelou nas discussões, como uma ponte entre cultura e prazer, conforme pode ser observado na fala abaixo:



*Jim Carrey: Gostei muito da parte que ela está na Itália comendo... porque mostra a comida de uma forma bonita e prazerosa.*

A Itália é um símbolo do prazer que está ligado à alimentação. Lá, uma refeição é um momento de profunda comunhão familiar, podendo chegar a durar mais de 3 horas. É um verdadeiro prazer poder participar de uma verdadeira e típica refeição italiana (LEONARDO, 2009).

Além da relação existente entre o prazer na alimentação e a cultura alimentar, ficou nítido em alguns comentários (mesmo que talvez indiretamente) a relação entre o prazer alimentar e o fato de se alimentar em companhias.

*Elizabeth Taylor: Quando ela chegou na Itália, ela viu o alimento como algo que iria te dar prazer, tanto que, indo a Nápoles, ela foi comer pizza e pediu para a amiga comer junto, que se não era desrespeito moral, algo assim. Achei interessante!*

Evidencia-se nessa fala a parte do “comer junto”, o quanto a companhia de um amigo, de um (a) namorado (a), de um ente querido pode influir no prazer agregado de comer uma determinada refeição?

Percebemos então, que o consumo de alimentos em espaços privados e públicos, hoje mais em público, manifesta a busca pelo prazer do convívio, do encontro, da troca, da descontração, da saída da rotina, da construção de relações (PEREZ; TRINDADE, 2013).

Incorporamos assim a comensalidade ao prazer na alimentação.

Comer é realizado pelo indivíduo em seu interesse mais pessoal; comer acompanhado, porém, coloca necessariamente o indivíduo diante do grupo, usando-se o ato de comer como veículo para relacionamentos sociais: a satisfação da mais individual das necessidades torna-se um meio de criar uma comunidade. Neste mesmo raciocínio, a origem da palavra companhia deriva da palavra latina *companion* significa: “uma pessoa com quem partilhamos o pão”. Partir o pão e partilhá-lo com amigos significa a própria amizade, e também confiança, prazer e gratidão pela partilha (MOREIRA, 2010, p. 24).

Partilhar, dessa forma, parece trazer mais prazer às refeições, tornando o alimento mais palatável.

#### 5.4 INTERFERÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA ALIMENTAÇÃO E PADRÕES DE CORPO “IDEAL”

A interferência dos meios de comunicação, na forma como as pessoas se alimentam atualmente, tomou grandes proporções dentro dos debates. Os participantes mostraram um enorme interesse pelo tema, revelando em suas falas, o alarmante contexto de crescimento que estamos percebendo dos meios eletrônicos de propaganda, com relação direta e indireta com a alimentação, que tem ainda como seu principal aliado a televisão.

Dos meios de comunicação social, a TV é o mais difundido no Brasil. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), este aparelho eletrodoméstico está presente em 91,4% das residências no território nacional, com destaque para a Região Sudeste, que registrou as maiores proporções (94,4%) (CONTI; BERTOLIN; PERES, 2010, p. 2096).

A mídia, tida como sinônimo de “meios de comunicação social”, se refere aos abundantes veículos (rádio, jornais, as revistas, televisão, redes sociais, entre outros) que transportam as informações até as pessoas, caracterizando-se como uma das instituições responsáveis por influenciar na educação do mundo moderno, trazendo tanto matérias fidedignas pautadas em princípios éticos como conteúdos absurdamente equivocados, quando o tema é alimentação, nutrição, suplementação alimentar, perda de peso, propaganda de alimentos, entre outros. Dessa forma a mídia vem agregando valores e padrões de conduta bons e ruins (CHAUD; MARCHIONI, 2004; CONTI; BERTOLIN; PERES, 2010).

A mídia veicula e/ou produz notícias, representações e expectativas nas pessoas com propagandas, noticiários, novelas, desenhos animados e que acabam por estimular o uso de produtos dietéticos e práticas alimentares para o emagrecimento e, de outro, quase que instantaneamente, também instigam ao consumo de lanches tipo *fast food* (SERRA; SANTOS, 2003).

Entretanto, em um estudo realizado por Santos et al. (2012) sobre o estado nutricional e comportamento alimentar de mulheres na Estratégia de Saúde da Família (ESF), onde entre seus questionamentos se procurou saber sobre a percepção das mesmas sobre a influência da mídia em suas escolhas alimentares, constatou-se que apenas 12, 1% das entrevistadas reconheciam que, na aquisição de seus alimentos, sofriam influência por parte da mídia. O mesmo autor ressalta a importância que os meios de comunicação têm sobre a formulação de novos hábitos alimentares, mas que as participantes da pesquisa negaram tal fato.

Em outro estudo realizado por Coll, Amorim e Hallal (2010), onde foi analisado (entre outros aspectos) a influência que a mídia tem sobre a percepção e a influência no comportamento alimentar dos indivíduos, mostrou, diferentemente da pesquisa realizada por Santos et al. (2012), que a mídia tem forte capacidade em modificar hábitos alimentares. Esta

conclusão é evidenciada levando-se em consideração a resposta sim de 89,6% dos entrevistados, sendo que, destes, 44,4% relataram uma mudança de comportamento.

*Angelina Jolie: Vivemos num ambiente muito dualista, a gente liga a televisão e o tempo inteiro é propaganda de comida, principalmente em horários nobres. Não é à toa que tá ali, ela tem um foco para atingir alguém. Aí, imediatamente volta pra novela e tem as atrizes magras e todas maravilhosas e depois volta pra o intervalo e tem alguém comendo. Então a mídia te vende um negócio mentiroso demais. Aí você quer comer, mas você ao mesmo tempo quer ser magra, então.. são incompatíveis, isso gera transtornos.*

Podemos observar no discurso acima citado a capacidade que a mídia tem em confundir o entendimento dos seus espectadores, onde, ressaltam o prazer de uma alimentação rica em calorias num comercial cheio de atrativos, e pouco tempo depois, não o suficiente para que se tenha tirado da memória essa sensação, vem aquela pessoa que possui o tão sonhado “corpo dos sonhos”.

A mídia remete as pessoas a vivenciar um grande dilema. O veículo que estimula a prática do *fast-food*, via publicidade, aproveitando-se de figuras conhecidas e queridas pelo público para fazer o seu *marketing*, é o mesmo que utiliza discursos de especialistas que não indicam e não concordam, sob a ótica da saúde pública, com o consumo desses produtos (SERRA; SANTOS, 2003).

Vive-se numa época onde nunca foi tão fácil se obter informações, a contemporaneidade encontra-se no auge da conectividade e do acesso à internet, lugares isolados, hoje, possuem algum tipo de ligação com o mundo. Será que o problema é o excesso de informações? Ou será que é o tipo de informação que está sendo repassada por esses meios? No discurso abaixo, é trazido por um dos participantes sua reflexão a respeito deste momento que a sociedade vivencia.

*Cameron Diaz: Eu acho assim.. hoje a gente vive um paradoxo muito grande que é assim: temos muita informação sobre alimentação e saúde, mas ao mesmo tempo com esse excesso de informação, nós temos índices de obesidade já em mais da metade da população, então, o que é que tá acontecendo? O que é que a gente tá fazendo*

*com essa informação?[...] sabemos que também existem excesso de informações que não são construtivas.*

Moura (2010) traz que esse processo de diversificação de alimentos industrializados, bebidas prontas e comidas do tipo *fast food* são concomitantes a maior facilidade do acesso à mídia, que influencia negativamente na dieta e no estado de saúde das pessoas, principalmente as crianças.

A internet tem competido quase que lado a lado com a televisão, e com isso, na última década, ocorreu uma explosão de anúncios e pessoas falando sobre alimentação. Uma das participantes em um dos debates traz um relato sobre um método de emagrecimento visto em um anúncio na internet.

*Viola Davis: [...] “perca 10 kg em uma semana tomando chá!”. Eu vi isso num blog na internet, tipo, era até um blog de nutrição, “o café milagroso” que você emagrecia e tinham vários benefícios, que ninguém sabia nem de onde tinha saído isso.*

Neste relato a participante traz a sua percepção sobre a venda de produtos milagrosos veiculados por meio da internet. O objetivo deste em questão era o de proporcionar emagrecimento em um breve período de tempo, entretanto, como a mesma reforça em seu discurso, não havia nenhuma segurança à respeito da origem dessa informação, não sendo dado respaldos e fontes para a suposta técnica de perda de peso.

Em relação a este aspecto, Serra e Santos (2003), em seu estudo, realizado com uma revista de grande circulação nacional (Revista Capricho), ao analisar as convergências e divergências do discurso midiático e o discurso técnico-científico relativas à alimentação/dietas, afirmaram que as informações contidas não expressam uma lógica ou procedimento teórico-metodológico admitido como válido no campo da nutrição, todavia, muitos conseguem promover mudanças no comportamento alimentar dos indivíduos, devido a forte confiança das pessoas no que é repassado por essas revistas.

São muitos os fatores que interferem no campo da alimentação humana, isso torna este ato tão vital e básico em um fenômeno extremamente complexo de se entender e intervir. Uma das participantes do debate trouxe em seu discurso uma reflexão sobre o poder da mídia em moldar o desejo e o hábito alimentar das pessoas, ressaltando o desafio do nutricionista em combater tais investidas.

*Cameron Diaz: [...] o problema que eu acho, não é só uma questão de educação, a gente compete com mídias que investem pesado, trabalham de forma cruel, então você seduzir uma criança com brinquedos, com personagens que elas gostam de desenho animado pra comprar aquele alimento, da forma como a mídia usa.. fica complicado.. então é muito prático pra eles, é mais fácil. Então, isso pra população em geral e também puxando assim pra questão do nutricionista também trabalhar isso na população, enfrentar essas propagandas é um desafio muito grande pra gente, isso aí é fato!*

As propagandas sobre produtos alimentares estão cada vez mais atrativas e que os associam a estilos de vida desejáveis e a *jingles* chamativos, isso tudo aliado a componentes motivacionais, às necessidades emocionais/psicológicas e aos desejos individuais, favorecendo assim, uma explicação da tão grande influência dos meios comunicacionais sobre o consumo e escolha dos tipos de alimentos (SANTOS et al., 2012).

Além disso, a mídia, aliada ao contexto capitalista em que se vive atualmente, tende a influenciar os consumidores a se tornarem consumistas também na sua alimentação, conseguindo interferir de forma contundente. No comentário abaixo citado um dos participantes traz esta reflexão à roda de discussões:

*Roman Polanski: [...] a gente não pode deixar também de falar sobre a sociedade capitalista que a gente vive, um sistema de capital em que a produção e consumo cada vez mais aumenta porque... existem consumidores para consumir.*

Baseado ainda nos discursos trazidos pelos participantes pode-se pensar que a participação do consumidor de alimentos, como um deles mesmo descreve, é “inconsciente”, a população, no geral, aparenta não ter noção da gravidade da problemática que se vive no momento atual, onde os mesmos subsidiam tal fenômeno através de pequenos detalhes como a compra de um suco industrializado por influência de se receber um brinde visto numa propaganda passada na televisão. São acontecimentos corriqueiros, mas que tem

causado enorme impacto na sociedade em diversos setores, destacando o cenário da aquisição e consumo de alimentos.

Em meio a toda essa problemática envolvendo a alimentação e a influência da mídia sobre ela, tem-se algo consequente e/ou antecessor a isso, que são os padrões de corpo “ideal” impostos pela sociedade (desta vez não só incorporando a mídia). Nos debates, os participantes citaram repetidas vezes a frase “o padrão de corpo e beleza impostos pela mídia”. A concepção do que é bonito ou belo é relativo, cada indivíduo terá o seu próprio gosto e definição do que lhe atrai. Porém, isso pode ser influenciado pelo meio em que se vive, e assim como a mídia influencia na alimentação das pessoas, ela juntamente com outros fatores presentes na sociedade também conseguirá modificar padrões de referência do chamado “corpo perfeito”.

O processo de formação da imagem corporal pode ser influenciado por diversos fatores, tais como sexo, meios de comunicação, bem como pela relação do corpo com os processos cognitivos como crença, valores e atitudes inseridas em uma cultura (DAMASCENO et al., 2006, p. 82).

O padrão de corpo ideal tem sofrido, literalmente, uma verdadeira metamorfose durante o decorrer da vida contemporânea. A cultura é outro fator muito importante que influencia hoje e sempre influenciará, sendo repassada geração a geração. No Cinedebate, discutindo esta temática, remeteu-se a pensar no atual padrão de beleza e nos que já foram padrão em décadas ou séculos atrás. Um dos participantes trouxe o momento da história onde o corpo gordo era sinônimo de fartura, riqueza e beleza. Atualmente, para grande parte da população, esse biotipo foge completamente do corpo de referência estética. Porém, para algumas pessoas, o padrão de beleza permaneceu aquele que era disseminado durante a sua juventude. Através da apreensão da fala de um dos participantes (exposta abaixo), isso fica notório.

*Harrison Ford: Engraçado.. quando vou na minha avó, ela fala que eu tô magro, que preciso engordar, que sou mais bonito quando estou gordinho e corado. Já minha mãe fala o inverso, diz que estou gordo e que preciso emagrecer.*

Em contraposição a isso, e não muito distante cronologicamente, tínhamos o padrão da magreza extrema. Uma das participantes mencionou no seu discurso os repetidos casos de anorexia e bulimia frequentes durante as décadas de 80 e 90 em bailarinas e, principalmente,

nas modelos. Como ela mesma trouxe, esse processo, no Brasil, retrocedeu a partir da ascensão da modelo brasileira Gisele Bündchen, “ela era a modelo brasileira que tinha carne”.

Ou seja, em comparação com o padrão de corpo ideal pautado em indivíduos extremamente magros, a aparição e transição do padrão “esquelético” para aquele onde as pessoas não eram tão exageradamente magras, foi algo de grande notoriedade para a mídia como sendo uma revolução nos modelos de beleza corporal. Entretanto, para outros, tal mudança não configurou tanta diferença, como exemplificado no discurso abaixo.

*Robert De Niro: Eu via muito falar o nome, mas não tinha visto a imagem dela, era a modelo de beleza, falava que era o modelo de beleza mesmo. Eu lembro a primeira vez que eu vi... eu olhei assim.. mãe logo deu uma risada e falou “olha as canelas finas dela... quer dizer que isso tem carne?!”*

Atualmente, os padrões de corpos considerados perfeitos para a maioria, não trazem mais a obesidade como uma grandeza diretamente proporcional a fartura, riqueza e beleza, assim como a magreza extrema veio perdendo espaço aos poucos para os corpos moldados por academias ou procedimentos estéticos voltados ao ganho de massa muscular. O discurso abaixo caracteriza o momento atual de relação entre o corpo e o padrão estético de beleza para a maioria.

*Merilyn Monroe: Hoje a gente tem outra história, não de tanta anorexia, mas o corpo perfeito, o estilo “panicat”, acho que hoje nenhuma mulher quer ser esquelética, não é o padrão de beleza atual.*

Em concordância a este comentário, Dasmaceno et al. (2006), observam que as academias têm sido, ultimamente, o lugar escolhido pelas pessoas para “esculpir” seus corpos, e, que, apesar de estarem dentro dos valores de IMC (Índice de Massa Corporal) e percentual de gordura adequados para a manutenção da saúde, existe uma insatisfação com sua imagem corporal, desencadeando inúmeras consequências negativas como por exemplo os distúrbios relacionados a alimentação e imagem corporal, além de dismorfias musculares e outros agravos.)

Um desses agravos, já mencionado nesse trabalho (porém em outro contexto), são os T.A., onde se destacam, nesse cenário, principalmente a vigorexia e a anorexia. Sobre isso,

um discurso em específico traduz um pouco do que tem sido observado nesta problemática de umas décadas para cá.

*Elizabeth Taylor: A questão das adolescentes também, que tem a questão do padrão que a sociedade exige, que elas estavam vomitando tanto que danificaram os canos, isso tudo pra tentar se achar nesse padrão que a sociedade impõe a elas.*

Em uma das falas de uma das participantes apreendeu-se a questão da relação existente entre saúde e estética corporal e os preconceitos em torno disso. O discurso reforça o entendimento de que nem sempre um corpo magro ou musculoso é sinônimo de bem estar e saúde, tendo em vista que, como já mencionado por Dasmaceno et al. (2006), muitos recorrem a métodos que comprometem a sua própria integridade física em detrimento do padrão a ser obtido. A participante conclui com “devemos procurar promover a saúde e não a beleza e os padrões impostos pela sociedade”.

Na atualidade, como já falado, a mídia e o seu canal amplo de divulgação em massa, tem facilitado para alterações no hábito alimentar das pessoas. Quanto ao contexto da percepção corpórea, para Dasmaceno et al. (2006), a preocupação com a busca do corpo ideal aumenta ao passo que a mídia expõe belos corpos, fato este que tem determinado, nos últimos anos, esta incessante busca pela anatomia ideal.

Os discursos socioestéticos lançados pela mídia criam vínculos com as pessoas através da ideia divulgada de que “tudo posso”, “se aquele, que também é um ser humano, consegue, eu também consigo”. A mídia apregoa a autonomia individual, a praticidade, a rapidez e eficiência, dando um certo poder de escolha e opções às pessoas, mas que é ilusória (SERRA; SANTOS, 2003).

Baseado em alguns discursos dos participantes, é possível refletir sobre a parcela de culpa que cada um carrega consigo, pois em muitos momentos fala-se na sociedade como se dela não se fizesse parte, como se fosse algo alheio a si mesmo. O que se vê é que busca-se, por vezes, encaixar as pessoas dentro de um padrão, padrão este criado por nós mesmos, a civilização vigente.

Finaliza-se essa reflexão a respeito do que foi e do que é considerado o padrão de corpo ideal com uma indagação feita por um dos debatedores para pensar sobre um outro tempo, o futuro: “Aí eu me pergunto... qual será o padrão de beleza daqui a 20 anos?”



## 5.5 O PROFISSIONAL NUTRICIONISTA

O nutricionista, no seu aspecto profissional, atribuições, acesso, entre outros, foi frequentemente mencionado nos discursos dos participantes, dentro do contexto e temática trabalhada. Uma explicação plausível para isto, talvez, tenha sido o quantitativo de estudantes de nutrição presentes nas exibições feitas especificamente para esta pesquisa. Além disso, os filmes trabalhados trouxeram histórias com abordagem direta e indiretamente ligadas à nutrição e a alimentação, sendo então, o nutricionista e suas inerências um objeto de discussão consequente a isto.

O nutricionista, para alguns, ainda é uma figura distante, inacessível e cara. Tal visão se mostrou nítida em algumas falas, como pode ser visto a seguir:

*Katharine Hepburn: Não é toda família que tem condições de ir ali e pagar um atendimento com um nutricionista, não é toda família.*

*Louise Brooks: O nutricionista não é acessível, ao meu ver, na minha cidade não tem nem algodão no hospital, quem dirá nutricionista.*

O nutricionista passou a ter a possibilidade de fazer parte da equipe da atenção básica a partir da portaria GM n.º 154 (Ministério da Saúde), de 24 de janeiro de 2008, a partir de uma demanda deixada pela realidade do trabalho das ESF ao se depararem com sujeitos que necessitavam de atenção especial fora da abrangência de suas habilidades profissionais. Em 21 de outubro de 2011, o Ministério da Saúde estabeleceu que os NASF seriam organizados em NASF 1 e 2, sendo sua composição definida pelos gestores municipais, seguindo critérios de prioridades identificados a partir da realidade local (BRASIL, 2009; BRASIL, 2011; JARDIM; AFONSO; PIRES, 2008).

Boog (2008) ressalta a existência de vários fatores que contribuem e interferem no processo de incorporação de um nutricionista a uma equipe, que são de natureza subjetiva, como por exemplo, a opinião dos gestores sobre a importância de uma intervenção, e o seu poder de resolutividade de problemas a curto e médio prazo. A representação que o nutricionista tem dentro desse contexto é mais importante do que a disponibilidade de profissionais na área ou região, porém, a avaliação da necessidade da incorporação desse

profissional em uma equipe dificilmente será realizada sem sofrer a influência dos centros de interesse e poder.

A presença do nutricionista apenas no NASF, na prática, pareceu ser insuficiente aos olhos dos participantes, visto os seus depoimentos quanto à dificuldade do acesso a uma consulta com este profissional. Além disso, é imprescindível destacar que não são todos os NASF que possuem os cuidados do nutricionista, já que seguem-se critérios e parâmetros epidemiológicos para a sua incorporação. Se levarmos em consideração a realidade mencionada nos discursos de alguns participantes pode-se inferir que, provavelmente, tais critérios não estejam sendo bem avaliados, ou, nem deveriam existir.

*Angelina Jolie: Sobre a acessibilidade do nutricionista achei bem interessante pensar nisso, porque é um profissional meio novo, não é uma coisa de muito tempo que se pensa em “ir pra nutricionista” e tem essa questão: onde é que eu acho o nutricionista? O nutricionista não faz parte da equipe mínima do PSF, por exemplo. Tem no NASF, mas nem toda cidade tem.*

O nutricionista está capacitado para trabalhar em todos os locais onde uma adequação alimentar possa ajudar a melhorar a qualidade de vida, o nutricionista ensina, investiga, orienta e aconselha. O nutricionista intervém na alimentação de crianças, adolescentes, adultos e idosos, desportistas e ainda pessoas doentes. É imprescindível em hospitais onde é responsável pela avaliação e prescrição nutricional no internamento e ambulatório; nos centros de saúde e nas autarquias é também fundamental para ajudar a estabelecer as políticas de alimentação e prestar aconselhamento alimentar à população; na restauração coletiva, garante planos alimentares seguros que cubram todas as necessidades de energia e nutrientes; inova na criação de novos alimentos para novas necessidades, prestando apoio técnico-científico na indústria alimentar; exerce a docência em centros universitários, ensinando a importância da nutrição e alimentação na saúde das pessoas; integra equipes da investigação respondendo assim aos crescentes desafios desta área (BENTO; MATOS, 2007).

Em uma pesquisa desenvolvida por Costa e Santana (2011) em Vitória de Santo Antão – Pernambuco, sobre a importância e o papel do nutricionista, pesquisou-se, através de entrevistas com integrantes da ESF, sobre a importância de se ter um nutricionista ativo na equipe, as respostas foram, em unanimidade, que é uma necessidade e, além disso, os mesmos referiram que não deveria haver prejuízos nas atribuições profissionais destinadas ao exercício de suas atividades no NASF. Isto é, o campo de trabalho do nutricionista se manteria no NASF e o mesmo, agora, teria espaço reservado também na ESF.

Em um estudo realizado por Boog (1999), constatou-se que médicos e enfermeiros sentiam dificuldades para realizar atividades de educação e orientação nutricional, havendo um conflito entre o conhecimento teórico e a prática vivencial, descreditando esta prática devido aos seus próprios problemas e dificuldades de implementar mudanças, corroborando assim com a inclusão desse profissional na equipe mínimo do ESF.

Fica evidente que existe uma demanda para o trabalho do Nutricionista em Saúde Pública, junto à equipe multidisciplinar, e este se apresenta como o profissional preparado, uma vez que as modificações incluem os aspectos nutricionais tanto em serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, com conhecimentos técnico e científico nas áreas da nutrição (CARDOSO et al., 2013).

Ainda quanto à acessibilidade ao nutricionista, muitos indivíduos citaram a participação da universidade na cidade em questão (Cuité – PB), que possui o curso de bacharelado em nutrição, contribuindo assim para um atendimento nutricional à população diferenciado de todas as cidades da região. Isso fica evidenciado em um relato de uma moradora local que faz acompanhamento nutricional do seu filho adolescente com uma equipe de alunos e professores da universidade.

*Fernanda Montenegro: O meu menino foi acompanhado pelo nutricionista no hospital (nutricionista professora da universidade), é muito bom. Todo mês, todo mês ela acompanhava direitinho. Na primeira vez ele perdeu 12 Kg, na outra 10 Kg e foi perdendo de 6, 8... aí quando baixou 75 Kg ele parou de ir. Agora ganhou tudo de novo. Mas tem nutricionista sim pra atender.*

A presença do nutricionista no espaço onde foi relatada esta experiência trouxe melhorias na qualidade de vida de um indivíduo, ficando nítido no discurso o reconhecimento da capacidade deste profissional em propiciar transformações. Entretanto, a segunda parte do discurso revela ainda uma dependência existente por parte dos pacientes em manter a dieta sem que haja o acompanhamento constante do mesmo, em outro comentário a mesma pessoa cita que o ganho de peso ocorreu durante o período de greve da universidade, mostrando uma deficiência na divulgação e promoção do serviço de nutrição desenvolvido pelo NASF local.

Outro aspecto debatido em relação ao profissional da nutrição foi o tipo de conduta de atendimento utilizada e as atribuições inerentes ao nutricionista. A forma de trabalhar com as pessoas e os deveres deste profissional, por vezes, se correlacionaram em vários discursos

apreendidos, trazendo a ideia de que a conduta nutricional deve estar de acordo com uma das funções mais belas desta profissão, a de transformação.

Não é tarefa fácil desempenhar processos de transformação na esfera dos recursos humanos, é uma missão complexa. Não envolvem somente mudanças conceituais, mas também relações cristalizadas, dogmáticas e hegemônicas. São processos carregados de pressão e conflitos, e que necessitam de um determinado tempo para maturação das ideias, requerendo paciência e dedicação do mediador (RECINE et al., 2012).

Alguns trouxeram a ideia do mutável, de que o nutricionista precisa viver em constante atualização, levando em consideração que o mundo muda, os padrões e gostos podem mudar com ele. Em uma fala a participante diz que “é dever do nutricionista trazer novas formas de prazer na alimentação”. Entende-se por esse comentário, que, é uma função do nutricionista trazer ideias inovadoras de alimentos que proporcionem prazer, entretanto, que sejam saudáveis. É desafiador, pois na concepção da maioria, prazer não se correlaciona com ser saudável.

Como já mencionado inicialmente, a amostra do presente trabalho teve, em sua maioria, acadêmicos do curso de nutrição, a participação dos mesmos se resume em discursos que demonstram a importância deste profissional para a vida das pessoas e a dimensão do curso para si mesmo.

*Robert De Niro: Acho que uma coisa que ficou bem claro é que a comida, o jeito de comer revela a forma como você vê o mundo, o momento que você está passando. Então, a gente como nutricionista interfere no modo de se alimentar de alguém, a gente está interferindo na forma como essa pessoa vê o mundo, na forma como ela se comporta dentro de várias coisas, não é só o que ela coloca pra dentro não, é o que ela coloca pra fora também.*

Finalizando esta discussão sobre o profissional nutricionista, uma última questão levantada foi a do preconceito existente em profissionais da nutrição que estão acima do peso, propiciando refletir sobre a eficiência e sua capacidade em ser um bom profissional ou não.

*Marlon Brando: Às vezes olhamos pra um nutricionista gordo e pensamos: eu não vou pra esse nutricionista, porque se ele é gordo, o*

*que ele vai fazer por mim?! Olha o tamanho do impacto que o visual tem sobre a gente..*

Em certos momentos nota-se uma divergência de opiniões sobre essa questão. Alguns referiram que não se deve julgar a conduta e potencialidade de um profissional pela sua forma física, hábitos alimentares e costumes, como na fala abaixo:

*Darth Vader: Esse pensamento é bem ridículo [...] nos formamos para ter uma visão mais ampla e poder ajudar a sociedade, independente de como nos alimentamos e enxergamos a vida, se temos um padrão ou não. É uma vírgula. Porque o propósito é mudar a vida das pessoas.*

Outros, se embasando em conhecimentos científicos, questionaram indiretamente o motivo do excesso de peso, tentando desmistificar o discurso muitas vezes visto da “a culpa é da minha genética”, através de fatos comprovados pela ciência.

*Roman Polanski: [...] quando pensamos no ponto de vista mais fisiológico e comprovado cientificamente... quando a gente pensa na obesidade, a gente vê lá que 30% da obesidade é por causas genéticas e que 70% são por fatores ambientais, então não tem essa coisa que eu posso dizer: “ahhhh é por fatores genéticos, não é culpa minha”.*

Além dos participantes divergentes, outros trouxeram depoimentos a respeito do tema, que ouviram em uma determinada situação vivenciada, como é o caso da narração abaixo, feita pela participante do debate em seu discurso:

*Marilyn Monroe: Ano passado eu estava no SESP acompanhando meu pai, daí eu passei um tempo conversando com o vigia, aí ele começou a falar da nutricionista porque ela era obesa, aí ele começou a rir e fez “como é que nutricionista é obeso?” começou a comentar, aí tinha ele e um rapaz... um rapaz forte, onde ele começou a exaltar esse rapaz, tipo, já julgando de ser melhor profissional apenas pelo físico dele.*

O que vemos nos discursos é um preconceito relacionado aos estereótipos das profissões, como aqueles ligados ao dentista que não pode ter cáries, ou mesmo o médico que não deve adoecer. Como Boog (2008) traz, devemos sempre lembrar que a formação de um bom profissional depende daquela que se aproxime das questões éticas, comunicativas, comportamentais e emocionais, da capacidade de interagir e trabalhar em grupo, do olhar humanizado, enfim, da formação do indivíduo.

## 5.6 CINEDEBATE: PROPICIANDO MOMENTOS DE REFLEXÃO

Para refletir sobre a ferramenta e metodologia empregada e sua relação não usual com o curso de nutrição, optou-se por escolher 3 questões presentes no questionário (APÊNDICE III) que dialogassem com isso, as quais são: 12, 14 e 17.

Quando questionados sobre sua opinião a respeito de um curso de nutrição exibindo filmes, a maioria dos entrevistados respondeu que é uma iniciativa muito diferente e também muito válida, tendo em vista a grande potencialidade do cinema em trazer assuntos pertinentes ao dia a dia e também temas ligados a nutrição de uma forma diferenciada e de fácil compreensão.

*Charles Chaplin: Bem, é uma forma diferente de trabalhar a nutrição, de forma interativa e participativa. O filme é como uma viagem que te faz ver melhor as coisas.*

Além disso, os participantes mencionaram a escassez de espaços de lazer na cidade, destacando a ideia como um meio de distração para fugir da rotina de provas, trabalhos e aulas.

*Quentin Tarantino: Legal, pois é um meio de distração para o pessoal que vem assistir e ainda aborda temas relacionados a alimentação.*

*Barbara Stanwyck: É maravilhoso. É uma válvula de escape. Momento de me descobrir. De pensar sobre novos assuntos que eu não tinha a mente aberta.*

Outro aspecto trazido pelos participantes é a possibilidade de diálogo proporcionada entre os alunos do curso de nutrição, alunos de outros cursos e pessoas da comunidade local, fazendo, dessa forma, com que ideias e saberes possam ser compartilhados e construídos em conjunto, através de uma simples ação que é a exibição de um filme.

*Darth Vader: Acho muito interessante, porque correlaciona diferentes tipos de pensamento com as ideias do nosso curso.*

*Bela Lugosi: Eu acho muito bacana, não só pra gente do curso de nutrição. É um meio de disseminar cultura e saberes.*

*Christopher Nolan: Toda iniciativa que mostre assuntos relacionados a saúde e nutrição é válida, pois abrange todo o público, não só estudantes da área.*

Observa-se, nesse aspecto, notoriamente bem representada, a forma vista atualmente de como fazer extensão, onde não existe uma troca de saberes ou uma “via de mão dupla”. São pessoas com contexto, vidas, realidades, visões e objetivos totalmente diferentes, que, em grupo, tem a oportunidade de se encontrarem e refletirem sobre diversos temas, talvez, um conseguindo contribuir com a concepção de uma nova ideia de pensamento do outro.

No geral, esta metodologia desenvolvida no âmbito de um curso de nutrição, pode ser resumida em uma frase concisa e simples de um dos entrevistados: “muito interessante. Revolucionário!”.

Em outra pergunta buscou-se apreender a percepção dos entrevistados em relação a metodologia utilizada no presente trabalho, comparada a outra forma mais clássica e tradicional de se trazer uma temática para discussão, a palestra.

Quase que em unanimidade os entrevistados referiram que a exibição do filme e seu posterior debate é uma forma mais didática e dinâmica de discussão de um assunto, pois, segundo eles, esse tipo de metodologia traz consigo elementos que tornam a discussão mais produtiva e interessante, como por exemplo, a grande riqueza visual, diferentemente da palestra, que, por vezes, foi tratada como “monótona” e “chata”.

*Sylvester Stallone: No filme você vê de forma mais lúdica. Uma coisa é você está vendo, e outra é só ouvir. Melhora a reflexão.*

*Arnold Schwarzenegger: Na forma de palestra é mais chato, daria sono. Quando tem debate todo mundo pode trocar informações e discutir.*

*Anthony Hopkins: Na forma como foi feito o conhecimento é passado de uma maneira melhor, porque o conhecimento é passado por várias pessoas e não só uma.*

*Sean Connery: Na forma de palestra seria cansativo e desgastante. Geralmente as palestras são cansativas e não tão práticas, você acaba absorvendo menos conteúdo do que pela forma do filme.*

*Vin Diesel: Há diferenças! Pois as pessoas seriam menos tocadas na palestra.*

Em contradição a isso, alguns entrevistados mostraram em suas respostas uma opinião diferente da apresentada pela maioria. Trazendo em seus argumentos a ideia de que a metodologia de iniciação de debate na forma de palestra traria aspectos mais embasados cientificamente, diferentemente, segundo eles, dos propiciados através da exibição de filmes. Além disso, para eles, o palestrante traria novos direcionamentos.

*George Lucas: talvez o palestrante pudesse ajudar trazendo outros direcionamentos ou talvez objetividade à discussão. Novas abordagens são sempre bem vindas, mas não significa que são melhores.*

*Kate Winslet: Muito legal em forma de palestra. Existe diferença porque a palestra é mais fundamentada cientificamente e o debate baseado no conhecimento empírico.*

*Daniel Radcliffe: A palestra seria mais interessante se fosse mais real, no sentido que fosse um relato da própria pessoa. [...] e com um debate geraria uma melhor discussão, pois o diálogo não seria unilateral e ouviríamos novas opiniões.*



Alguns entrevistados trouxeram um olhar interessante sobre a relação do projeto e sua proposta e o público a que se objetiva alcançar em suas intervenções. Os mesmos lembraram em suas breves argumentações, que, o público, nas exposições em geral, é oriundo da comunidade tanto acadêmica quanto da não acadêmica, e que, levando isto em consideração, teremos indivíduos com graus de escolaridade elevados e também outros com baixo nível de instrução. Dessa forma, suas conclusões mostraram que uma palestra não conseguiria alcançar e nem despertar o interesse do público menos instruído.

*Grace Kelly: Considerando que o projeto envolve a comunidade, a palestra seria menos interessante.*

*Milla Jovovich: O entendimento do público seria bem menor na forma de palestra, principalmente quando o grau de escolaridade é pequeno.*

*Stanley Kubrick: O filme consegue reunir toda a população. Na palestra, as pessoas acham chato, principalmente para a população em geral.*

A ilustração a seguir (na página seguinte) traz as respostas referentes à última questão do instrumento, onde foi pedido aos participantes que descrevessem sua alimentação em única palavra.

**FIGURA 1:** Classificação da Alimentação dos Indivíduos em uma Palavra



FONTE: dados da pesquisa

A **Figura 1** traz a síntese das respostas dos entrevistados sobre como os mesmos enxergam sua alimentação atualmente. O objetivo foi fazer com que os entrevistados pensassem, refletissem e resumissem sua alimentação em apenas uma única palavra, levando em conta o subsídio gerado através da exibição dos filmes e sua posterior discussão, onde a alimentação foi o centro dos discursos.

Observando a **Figura 1** é possível notar a variedade de perfis alimentares dos contribuintes com a pesquisa, onde, através de cada palavra citada, pode-se tirar uma conclusão do estilo de vida levado por cada um, como por exemplo, o “anabólica”, que se trata, muito provavelmente, de um praticante de musculação ou o “prática”, que provavelmente foi proferida por um universitário que não tem tempo para preparar uma refeição elaborada e recorre aquelas mais fáceis de fazer. Por “reeducação” entende-se que se trata de um indivíduo que tenta passar por uma mudança nos seus hábitos alimentares e que encontrou fomento nas discussões do trabalho em questão para continuar nesse processo tão complexo que é a mudança de comportamento alimentar.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alimentação é um processo complexo, multifatorial e influenciado por muitos fenômenos, e, além disso, é diário. Então, se torna necessário e imprescindível o desenvolvimento de metodologias que consigam dialogar com este hábito diário tão vital, atraindo e fazendo com que as pessoas se sintam interessadas em não somente ouvir sobre alimentação, mas que as mesmas tenham o desejo e também a oportunidade de discutir, debater e trazer suas concepções de uma forma natural, descontraída, divertida e lúdica.

Talvez, para alguns, essa metodologia de trabalho possa parecer utópica e que as formas de trabalhar alimentação estejam taxadas ao método convencional de uma palestra onde um mediador fala, o público escuta e, no final, muito pouco foi apreendido para ser levado para a vida daquelas pessoas que estavam a ouvir. É preciso que a população esteja pensante, ativa e se sinta impulsionada a refletir sobre seu hábito de vida e alimentar, que se tornem sujeitos críticos dentro desse processo, conseguindo dessa forma avaliar e reavaliar seus atos e aonde os mesmo estão os levando.

O Cinedebate, metodologia utilizada para esta pesquisa, se mostrou como um método interessante de se trabalhar a alimentação de uma forma não convencional, propiciando ao seu público momentos de interação, reflexão e construção de ideias e pensamentos, através de debates subsidiados por questões levantadas após a exibição de filmes com temáticas previamente pensadas, ressaltando-se que os rumos das discussões, por vezes, foram muito além do que se imaginava obter.

Talvez o ambiente e o aspecto informal tenham sido facilitadores para que o público conseguisse expor suas ideias e opiniões, realidades e experiências, sendo possível o confronto de visões e o caráter de construção de concepções, neste caso ligados a alimentação e também a outros aspectos que surgiram em meio a este contexto.

Através do filme consegue-se tocar o imaginário das pessoas, deixar seus pensamentos aflorados e mais susceptíveis a ideias novas. Tendo em vista isso, é importante lembrarmos que a fundamentação não é científica, como foi observado por alguns dos entrevistados, entretanto, ressalta-se que o objetivo não é o repasse de informações e sim a construção de ideias sobre os mais variados aspectos ligados a alimentação e nutrição.

Dessa forma, destaca-se a eficiência que a ferramenta em questão tem em gerar discussões, reflexões e construção de pensamentos, se mostrando como um importante método inovador de se trabalhar quaisquer que for a temática, neste caso a alimentação. Salienta-se, ainda, a grande missão e desafio do nutricionista de buscar constantemente novos métodos que consigam, de fato, promover a alimentação em seus mais variados aspectos, sempre almejando contribuir com a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

## 7 REFERÊNCIAS

Adoro o Cinema, Google Analytics. Disponível em:

<<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-128362/>> Acesso em: 10/09/2016.

ALVES, T. S. Extensão universitária e formação profissional ampliada. **Revista de educação popular**, Uberlândia, v.1, n.3, p. 36-42, setembro, 2004.

BENETTI, M.; HAGEN, S. Jornalismo e vida cotidiana: o comer e o cozinhar contemporâneos nas revistas semanais. **Revista da associação nacional dos programas de pós-graduação com comunicação I E-compós**, São Paulo, v.15, n.2, p. 1-16, maio/ago. 2006.

BENTO, A.; MATOS, C. O nutricionista hoje. **Nutricias: a revista da associação portuguesa dos nutricionistas**, Porto, n. 7, p. 7-8, 2007.

BERTI, A.; CARVALHO, R. M. O Cinedebate promovendo encontros do cinema com a escola. **Proposições**. Rio de Janeiro. vol.24, n.3, p. 183-199. 2013.

BLEIL, S.I. O padrão alimentar ocidental: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil. **Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação da UNICAMP**. São Paulo. p 1- 25, 1998.

BOOG, M. C. F. Dificuldades encontradas por médicos e enfermeiros na abordagem de problemas alimentares. **Revista de nutrição**, São Paulo, v.12, n.3, p. 261-272, set./dez. 1999.

\_\_\_\_\_. Atuação do nutricionista em saúde pública na promoção da alimentação saudável. **Revista ciência e saúde**, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 33-42, jan./jun. 2008.

BRASIL. PORTARIA Nº 2.488. Brasília: Ministério da Saúde. 2011.

BRASIL. Série B. Textos Básicos de Saúde. Cadernos de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2009; 27: 160.

CARDOSO, A. E. A.; MATIAS, J. F.; JORGE, M. P.; MIRANDA, J.; MARQUES, M.A.R.; MORAES, L.P. Papel do nutricionista no sistema de saúde. In: V SIMPAC. 2013, Viçosa. **Anais...** Viçosa: 2013. p. 453-458.

CARDOZO, S. R.; ANTONIO, H. A. C. A alimentação no cinema como linguagem e identidade cultural. **Baleia na rede**, São Paulo, v.1, n.3, p. 153-160, 2006.

CHAUD, D. M. A.; MARCHIONI, D. M. I. Nutrição e mídia: uma combinação às vezes indigesta. **Higiene alimentar**, São Paulo, v.18, n. 116-117, p. 18-22, 2004.

CHENILLE, V. Le plaisir gastronomique ou cinema. **Éditeur**, Paris, 2004.

CONTI, M. A.; BERTOLIN, M. N. T.; PERES, E. V. A mídia e o corpo: o que o jovem tem a dizer? **Ciência e saúde coletiva**, São Paulo, v.15 , n.54 , p. 2095-2103, 2010.

COSTA, K. A. O.; SANTANA, P. R. A importância e o papel do nutricionista na atenção básica em Vitória de Santo Antão / PE. **Revista tempus actas de saúde coletiva**, v. 5, n. 4, p. 67-85, 2011.

COLL, C. V. N.; AMORIM, T. C.; HALLAL, P. C. Percepção de adolescentes e adultos referente à influência da mídia sobre o estilo de vida. **Revista brasileira de atividade física e saúde**, v. 15, n. 2, p. 105-110, 2010.

CRUZ, L. J.; MENDONÇA, L. Cinema de Extensão. In: ARAÚJO, T. F.; THIOLENT, J. M. **Metodologia para projetos de extensão**: apresentação e discussão. São Carlos: Cubo Multimídia, 2008. Cap. 49, p. 578 – 586.

CRUZ, P. J. S. **Educação popular na universidade**: reflexões e vivências da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP). São Paulo: Editora universitária UFPB, 2013. 313 p.

DAMASCENO, V. O.; VIANA, J. M.; LACIO, M. NOVAES, J. Imagem corporal e corpo ideal. **Revista brasileira de ciências e movimento**, Juiz de Fora, v. , n. , p. 81-94, 2006.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Handbook of qualitative research. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

DUCHESNE, M.; ALMEIDA, P. E. M. Terapia comportamental dos transtornos alimentares. **Revista brasileira de psiquiatria**, São Paulo, v.24, n.3, p. 49-53, dezembro. 2002.

FRANÇA, F.C.O.; MENDES, A.C.R.; ANDRADE, I. S.; RIBEIRO, G.S.; PINHEIRO, I.B. Mudanças nos hábitos alimentares provocados pela industrialização e o impacto sobre o impacto sobre a saúde do brasileiro. In: I SEMINÁRIO DE ALIMENTAÇÃO E CULTURA NA BAHIA. 2012. Recôncavo Baiano. **Anais...** Recôncavo Baiano: UEFS, 2012. p 1 – 5.

GALENO, Alex. **Brasil em tela: Cinema e poéticas do social**. Porto Alegre: Sulina, 2008. 143 p.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, São Paulo, v.35, n.2, p. 57-63, mar./abr. 1995.  
Guia da Semana, Google Analytics. Disponível em:  
<<http://www.guiadasemana.com.br/cinema/sinopse/muito-alem-do-peso>> Acesso em: 10/09/2016.

JARDIM, T. A.; AFONSO, V. C.; PIRES, I.C. A terapia ocupacional na estratégia. **Revista de terapia ocupacional da Universidade de São Paulo**. v. 19, n. 3, p. 167-175, set./dez. 2008.

JOMORI, M.M. Escolha alimentar do comensal de um restaurante por peso. Dissertação (Mestrado em Nutrição). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

KLAMMER, C.R. Cinema e educação: possibilidades, limites e contradições. In: III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL. 2006. Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2006. p. 872 – 882.

KLAUS, V. Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação. **Revista brasileira de educação**, 2003, n.23, p. 171-173. ISSN 1809-449X. Disponível em:  
<<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000200014>>. Acesso em: 25/08/2015, às 19:33 horas.

KRUEGER, R.A. Focus Groups: A practicalguide for appliedresearch. **SagePublications**. 2 ed. Thousand Oaks: 1994.

LEONARDO, M. Antropologia da alimentação. **Antropos: revista de antropologia**, v.3, n.2, p. 2-6, dezembro. 2009.

Livraria e Cultura, Google Analytics. Disponível em:  
<<http://www.livrariacultura.com.br/p/comer-rezar-amar-11017897>> Acesso em: 10/09/2016.

- MACIEL, M. E. Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin? **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 7, n.16, p. 145-156, dezembro. 2001.
- MARTINS, M. L. Ensino-pesquisa-extensão como fundamento metodológico da construção do conhecimento na universidade. Disponível em:  
<[http://www.umcpo.com.br/centraldoaluno/arquivos/07\\_03\\_2014\\_218/2\\_-ensino\\_pesquisa\\_extensao.pdf](http://www.umcpo.com.br/centraldoaluno/arquivos/07_03_2014_218/2_-ensino_pesquisa_extensao.pdf)> Acesso em: 08/08/2016.
- MEINERZ, C. B. Grupos de discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. **Educação real**, Porto Alegre, v. 36, n.2, p. 485-504, maio/ago. 2011.
- MELO NETO, J. F. Extensão universitária e produção do conhecimento. **Conceitos (João Pessoa)**, João Pessoa, v.5, n.9, p. 1-8, 2003.
- MONTORO, T. Cinema é alimento para o corpo e a alma. **Comunicação e informação**, Brasília, v. 10, n.1, p. 8-15, jan./jun. 2007.
- MOREIRA, S. A. Alimentação e comensalidade. **Ciência e cultura**, São Paulo, v.62, n. 4, p. 23-26, outubro, 2010.
- MORGAN, D. L. Focus Groups as Qualitative Research. **Qualitative Research Methods Series**. 2 ed. Thousand Oaks: SagePublications. v.16. 1988.
- MOURA, N. C. Influência da mídia no comportamento alimentar de crianças e adolescentes. **Segurança alimentar e nutricional**, Campinas, v. 17 , n.1 , p. 113-122, 2010.
- NUNES, M.M.A.; FIGUEIROA, J.N.; ALVES, J.G.B. Excesso de peso, atividade física e hábitos alimentares entre adolescentes de diferentes classes econômicas em Campina Grande – PB. **Revista Associação Médica Brasileira**, Campina Grande, p. 130 – 134, 2007.
- RAMOS, M.; STEIN, L. M. Desenvolvimento do comportamento alimentar infantil. **Jornal de pediatria**, Rio de Janeiro, v. 76, n. 3, p. 229-237, 2000.
- RECINE, E.; GOMES, R.C.F.; FAGUNDES, A.A.; PINHEIRO, A.R.O.; TEIXEIRA, B.A.; SOUSA, J.S. A formação em saúde pública nos cursos de graduação de nutrição no Brasil. **Revista de nutrição**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 21-33, janeiro, 2012.
- RIBEIRO, K. S. Q. S. A experiência na extensão popular e a formação acadêmica em fisioterapia. **Cadernos cedes**, Campinas, v. 29. n. 79, p. 335-346, set./dez. 2009.



SABINO, C.; LUZ, M. T.; CARVALHO, M. C. O fim da comida: suplementação alimentar e a alimentação entre frequentadores assíduos de academias de musculação e fitness do Rio de Janeiro. **História, ciência, saúde – Mangueiras**, Rio de Janeiro, v.17, n.2, p. 343-356, abr./jun. 2010.

SANTOS, C. C.; RAG, S.; ARREGUY-SENA, C.; PINTO, N. A.V. D. A influência da televisão nos hábitos, costumes e comportamento alimentar. **Congitare enfermagem**, v. 17, n. 1, p. 65-71, jan./mar. 2012.

SANTOS, L. A. S. Da dieta à reeducação alimentar: algumas notas sobre o comer contemporâneo a partir dos programas de emagrecimento na internet. **Physis: Revista de saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 459-474, 2010.

\_\_\_\_\_. O fazer educação alimentar e nutricional: algumas contribuições para reflexão. **Revista: ciência e saúde coletiva**, Salvador, v. 17, n. 2, p. 453-462, 2012.

SCHEIDEMANTEL, S. E.; KLEIN, R.; TEXEIRA, L. I. A importância da extensão universitária: o projeto construir. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. 2., 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: 2004. p. 1-6.

SERRA, G. M. A.; SANTOS, E. M. Saúde e mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito. **Ciências e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 691-701, 2003.

SERRANO, R. S. M. Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. Disponível em: <[http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos\\_de\\_extensao\\_universitaria.pdf](http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf)> Acesso em: 07/07/2016.

SIEDLE, M.J. **A tecnologia educativa do cinedebate como forma de desenvolvimento da gerontocultura**. 2006. 84 f. Dissertação (mestrado em filosofia, saúde e sociedade) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

TRINDADE, E.; PEREZ, C. Aspectos dos vínculos de sentidos do consumo alimentar em São Paulo: difusão publicitária e megatendências. **Intercom – RBC**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 245-266, jul./dez. 2013.

Valente F.L.S. **Direito humano à alimentação: desafios e conquistas**. São Paulo: Cortez; 2002.

VALE, A. M. O.; ELIAS, L. R. Transtornos alimentares: uma perspectiva analítico comportamental. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, Sobral, v.13, n.1, p. 52-70, 2011.

WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

YASHOSHIMA, J. R. Gastronomia na tela: as representações da comida no cinema. **Revista rosa dos ventos**, São Paulo, v.4, n.3, p. 300-316, jul/set. 2012.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE I

### UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE

#### INSTRUMENTO AVALIATIVO: REFERENTE À PESQUISA “TRABALHANDO ALIMENTAÇÃO NO ÂMBITO DA SÉTIMA ARTE: O CINEDEBATE COMO FERRAMENTA DE REFLEXÃO”.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Nome do filme: \_\_\_\_\_

1 - Nome: \_\_\_\_\_ 2- Idade: \_\_\_\_\_

3 - Identidade de gênero: ( ) Homem ( ) Mulher ( ) Transgênero

4- Grau de escolaridade: ( ) não sabe ler e escrever ( ) ensino fundamental incompleto  
( ) ensino fundamental completo ( ) ensino médio incompleto ( ) ensino médio completo  
( ) ensino superior incompleto ( ) ensino superior completo

5 - É universitário: ( ) sim ( ) não

6- Se a resposta anterior foi “sim”, qual seu curso? E a qual instituição pertence?

7- Como você ficou sabendo desta exibição? ( ) vídeo de divulgação ( ) redes sociais  
( ) divulgação em sala de aula ( ) divulgação em comércios ( ) rádio ( ) panfletos e cartazes  
( ) outros: \_\_\_\_\_

8 - Como você avalia o filme que assistiu? ( ) péssimo ( ) ruim ( ) regular ( ) bom ( ) ótimo  
Por que? \_\_\_\_\_

9- Do que você mais gostou neste filme? Por quê?

10- Para você, qual foi a mensagem central que este filme passou?

11- Você acha que assistir este filme proporcionou algum tipo de reflexão por você? ( ) sim ( ) não  
Se sim, quais reflexões? \_\_\_\_\_

12- Qual sua opinião sobre a exibição de filmes por um projeto do curso de nutrição?

13 – Qual a importância de participar de um debate como o que foi realizado após o filme?

( ) Muito importante ( ) Importante ( ) Pouco importante ( ) Sem importância Por que?

---

---

---

14 - O que você acha dessa mesma temática trazida pelo filme sendo abordada na forma de palestra? Existiria algum tipo de diferença na produção do debate? Se sim, quais?

---

---

---

15 – Você voltaria a assistir mais um filme exibido por este projeto? Por que? \_\_\_\_\_

---

---

16 – Você acha que assistir um filme que traga alguma temática sobre alimentação, pode influenciar de alguma maneira? ( )sim ( )não

Por que? \_\_\_\_\_

---

---

17 – Classifique sua alimentação em uma palavra:

---

**APÊNDICE II**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE  
UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – Respostas ao  
questionário**

Prezado visitante, o (a) senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa com nome: “Trabalhando alimentação no âmbito da sétima arte: o cinedebate como ferramenta de reflexão”, referente ao trabalho de conclusão de curso do aluno de graduação em nutrição Manoel Delmiro Ferreira Neto, sob a orientação da professora Ms. Vanille Valério Barbosa Pessoa Cardoso, ambos vinculados ao Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande.

O objetivo da pesquisa é apreender a sua percepção sobre questões relacionadas à alimentação a partir da exibição de um filme.

Caso aceite participar da pesquisa, sua participação consistirá em responder a um questionário por meio de entrevista contendo perguntas abertas e fechadas à cerca da sua opinião sobre a atividade realizada, além de informações básicas sobre você, para que assim possamos conhecer o perfil de quem está presente nas nossas exposições.

Destacamos que as informações obtidas através dessa pesquisa são confidenciais e é assegurado o sigilo sobre sua participação, de acordo com as exigências da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. Os resultados serão divulgados somente como achado científico do conjunto de dados obtidos, sem correlação com a identificação pessoal de nenhum dos envolvidos na pesquisa. É de total direito que o (a) senhor (a) possa se recusar a participar da pesquisa a qualquer momento da mesma, sem que haja penalização, dano ou prejuízo. Salienta-se ainda que não haverá qualquer encargo ou despesa financeira aos participantes desta pesquisa científica.

Agradecemos sua participação.

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
Manoel Delmiro Ferreira Neto  
Pesquisador

<p>Endereço para contato e esclarecimento de dúvidas: Unidade Acadêmica de Saúde Universidade Federal de Campina Grande Olho D'Água da Bica s/n - Cuité - PB CEP: 58175-000 – Tels: (83) 3372- 1900/9931-9774 Endereço eletrônico: vanillepessoa@gmail.com</p>
--

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - Hospital Universitário Alcides Carneiro (CEP - HUAC) - Rua Dr. Carlos Chagas, s/nº, edifício do Hospital Alcides Carneiro, no Bairro São José, cidade de Campina Grande - PB, CEP: 58401 - 490, Telefone: (83) 2101 – 5545

**AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA**

Eu \_\_\_\_\_, aceito participar da pesquisa “Trabalhando alimentação no âmbito da sétima arte: o cinedebate como ferramenta de reflexão” realizada pelo estudante Manoel Delmiro Ferreira Neto, sob a orientação da professora Ms. Vanille Valério Barbosa Pessoa Cardoso e autorizo que os dados sejam avaliados e publicados respeitando as normas e indicações do Comitê de Ética.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante

<p>Impressão datiloscópica</p>
------------------------------------

### APÊNDICE III

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE  
UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – Gravação da  
discussão**

Prezado visitante, o (a) senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa com nome: “Trabalhando alimentação no âmbito da sétima arte: o cinedebate como ferramenta de reflexão”, referente ao trabalho de conclusão de curso do aluno de graduação em nutrição Manoel Delmiro Ferreira Neto, sob a orientação da professora Ms. Vanille Valério Barbosa Pessoa Cardoso, ambos vinculados ao Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande.

O objetivo da pesquisa é apreender a sua percepção sobre questões relacionadas à alimentação a partir da exibição de um filme.

Caso aceite participar da pesquisa, suas ideias e opiniões manifestadas na discussão serão gravadas e filmadas, onde, posteriormente, serão transcritas, para sua melhor análise e uso das informações para publicação dos dados obtidos.

Destacamos que as informações obtidas através dessa pesquisa são confidenciais e é assegurado o sigilo sobre sua participação, de acordo com as exigências da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. Os resultados serão divulgados somente como achado científico do conjunto de dados obtidos, sem correlação com a identificação pessoal de nenhum dos envolvidos na pesquisa. É de total direito que o (a) senhor (a) possa se recusar a participar da pesquisa a qualquer momento da mesma, sem que haja penalização, dano ou prejuízo. Salienta-se ainda que não haverá qualquer encargo ou despesa financeira aos participantes desta pesquisa científica.

Agradecemos sua participação.

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
Manoel Delmiro Ferreira Neto  
Pesquisador

<p>Endereço para contato e esclarecimento de dúvidas: Unidade Acadêmica de Saúde Universidade Federal de Campina Grande Olho D'Água da Bica s/n - Cuité - PB CEP: 58175-000 – Tels: (83) 3372- 1900/9931-9774 Endereço eletrônico: vanillepessoa@gmail.com</p>
--

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - Hospital Universitário Alcides Carneiro (CEP - HUAC) - Rua Dr. Carlos Chagas, s/nº, edifício do Hospital Alcides Carneiro, no Bairro São José, cidade de Campina Grande - PB, CEP: 58401 - 490, Telefone: (83) 2101 – 5545

#### AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Eu \_\_\_\_\_, aceito participar da pesquisa “Trabalhando alimentação no âmbito da sétima arte: o cinedebate como ferramenta de reflexão” realizada pelo estudante Manoel Delmiro Ferreira Neto, sob a orientação da professora Ms. Vanille Valério Barbosa Pessoa Cardoso e autorizo ter meu depoimento gravado, transcrito e publicado respeitando as normas e indicações do Comitê de Ética.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante

<p>Impressão datiloscópica</p>
------------------------------------